

PARATODOS...

ANO XIII — NUM. 661

Rio de Janeiro, 15
de Agosto de 1931

PREÇO: 1\$000





AS TINTAS PARA CABELOS E ALGUNS CONSELHOS POR A. DORET

Haras são as tintas para cabelos que satisfazem quem as emprega. Nem sempre são inofensivas.

Outra tintura fica esverdeada no fim de poucos dias, tal outra toma no cabelo a cor de vinho tinto, bastante desagradável aos olhos; esta é preta demais, reseca o cabelo, alisa o que é ondulado, faz mais velha a pessoa que a emprega, dá a fisionomia um ar severo e triste ao mesmo tempo.

Trinta anos de experiência, de estudos, de aplicação deram-me uma certa autoridade para falar nisso.

Nenhuma casa de cabeleireiro, em qualquer país que fosse, quer na Europa ou na America, atingiu o grau de perfeição ao da casa Doret, tendo no meu estabelecimento clientes de todas as nacionalidades que atestariam a superioridade de meus métodos de tingir os cabelos, garantindo a inocuidade absoluta de meus produtos.

A's pessoas que não podem vir ao meu estabelecimento, as pessoas longe do Rio de Janeiro, recomendo nunca tingirem os cabelos de preto; é melhor acastanhá-los que colorir o branco de preto. Isso, além de ser mais natural, mais fácil será, mais higiênico.

Recomendo a todos o fluido Doret para acastanhar ou alourar o cabelo, este produto é dez vezes menos forte que a água oxigenada, não queima os cabelos e é um excelente desinfetante.

Para recoloração do cabelo empregai o meu Henné pure Doret, para obter o loiro bastará apenas 5 a 10 minutos de aplicação, para o bronzeado 1/4 hora, para acastanho escuro, uma hora e meia.

As pessoas que quiserem escurecer os cabelos para castanho escuro devem empregar o Tonico Doret n. 12.

Para qualquer caso particular é bom consultar A. Doret e seguir seus conselhos é uma garantia de bom êxito.

A Casa A. Doret recomenda suas manicures, seus produtos incomparáveis para a beleza da pele e cabelos, seus modelos de penteados, estudados para cada pessoa, os cabeleireiros da casa Doret são verdadeiros artistas.

Ondulação permanente, Marcel, Misempils, Soins de Beauté.

A. DORET cabeleireiro — Rua Alcindo Guanabara n. 5-A — Telefone 2-2431 — Rio de Janeiro



Rheumatismo Syphilitico



Ibraulino Ribeiro Bilhalos

"...20 testemunhas, inclusive o medico do 27º Batalhão, aquartelado em Pelotas, Rio Grande do Sul, attestam serem verdadeiras as declarações do soldado Ibraulino Ribeiro Bilhalos, que em extenso documento narra os terríveis soffrimentos (Rheumatismo syphilitico), por que passou na cura conseguida com o "ELIXIR de NOGUEIRA" do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira.

"Attesto que as declarações do soldado da 3ª companhia, 1.301, Ribeiro Bilhalos, são a expressão da verdade.

Quartel em Pelotas, 19 de Dezembro de 1915

Dr. J. Botafogo
(Firma reconhecida)

1º Tenente Medico

Todas As Senhoras São Interessadas...

— E' UMA REVISTA PARA O LAR —

A Mais Elegante — A Mais Completa
A Mais Moderna — A Mais Preciosa

Collaborada Pelos Grandes Creadores
Da Moda Parisiense

MODA E BORDADO

FIGURINO MENSAL

Ensinaamentos completos sobre trabalhos de agulha e machina, com desenhos em tamanho de execução. Os mais apreciados trabalhos de bordados. Mais de 100 modelos em cores variadas de vestidos de facil execução. Vestidos de noiva, de baile, passeio, luto e casa. Costumes e casacos. Roupas brancas. Roupas de interior. Lindos modelos de roupas para creanças. Conselhos sobre belleza, esthetica e elegancia. Receitas de deliciosos doces e de finos pratos economicos. Vendido em todas as livrarias e bancas de jornaes do Brasil

PEDIDOS DO INTERIOR:

Snr. Gerente de "Moda e Bordado" Caixa Postal 880

— RIO —

Envio-lhe } 35000 para receber 1 numero
165000 " " durante 6 meses
305000 " " " 12 "

NOME _____

End. _____

Cid. _____ Est. _____

PARA TODOS...

OS JAPONESES SÃO DESCONFIADOS...

Os aviadores norte-americanos Clyde Pangborn e Hugh Herndon Jr., que a bordo do avião "Miss Veedol" realizaram um voo aéreo a Tokio, através do Atlântico e da Sibéria, acham-se presos por terem aterrissado na capital japonesa sem terem obtido a necessária permissão do governo.

Além disso as autoridades receiam que os dois "azes" norte-americanos tenham fotografado as zonas fortificadas. O Ministério das Relações Exteriores aconselhou que Pangborn e Herndon sejam tratados com benevolência.

O "ZEPPELIN" VEM AÍ

O dirigível "Graf Zeppelin" iniciará, no dia 26 do corrente, uma viagem a Pernambuco, levando passageiros e malas postais. A correspondência destinada ao Rio de Janeiro será transportada a esta capital em um aeroplano especialmente preparado e a endereçada aos Estados do Sul do Brasil, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande será transferida aos aparelhos da Condor Syndicate, que fazem o serviço regular aéreo.

O "Graf Zeppelin" passará pelas ilhas Canárias ou de Cabo Verde, segundo as condições atmosféricas e deixará cair as malas em Tenerife ou Porto Praia, segundo o rumo que for preferido.

DIVORCIO NO URUGUAY
divorcio absoluto, converção,
desquite, novo casamento
— Inform. sr. CIGCA —
AVEN. RIO BRANCO, 77-3º and.
Caixa Postal 1494 - RIO

DENTE escuro, desviado, abalado, piorrêa, fistula, geng. sangrenta, cura certa; exame gratis. T. 2-0360, 7 de Setembro, 94, 3º. Dr. R. Silva

A VELOCIDADE DA LUZ

Brevemente ter-se-á determinado precisamente a velocidade da luz. Ao falecer o dr. Alberto Micholson, fisico notorio, deixou quasi completas suas medições, a fim de determinar com



Lindos dentes!...

O elogio que todos gostariam de ouvir, pois uma linda dentadura, além do encanto que dá a quem a possui, é a prova mais cabal de uma saúde perfeita e trato aprimorado.

Evite a cárie, as gengivas descarnadas e o mau hálito, usando a

PASTA ORIENTAL
(Basta um centímetro sobre a escova secca)

Como complemento use ainda

O ELIXIR DE SAUDE "ORIENTAL"

que vos proporcionará um paladar agradável, garantindo a asepsia da mucosa bucal e das vias respiratorias.

UM NOVO LIVRO

"BERGAMINI"

pela

Dra. Ernesta Weber

EM TODAS AS LIVRARIAS

precisão a velocidade da luz, a mais real das constantes da natureza.

O dr. Francis Pease, do Observatório do Monte Wilson e o dr. Fred Pearson despenderam perto de cinquenta mil dólares de cano em uma extensão de uma milha, na cidade de Santa Ana, não muito distante daqui.

Terminadas as observações, este comprimento foi rigorosamente medido nas costas dos Estados Unidos, ficando essa medição aos cuidados do Serviço Geodésico.

Os dias de sol chegam, e com elles a alegria da vida, os momentos encantadores nos campos e nas praias; nada disso basta para a felicidade... Ella se completa com o uso da JUVENUDE ALEXANDRE, que nos dá o maior bem; a mocidade eterna. Tão precioso tónico dos cabellos é encontrada em todas as farmácias e drogarias pelo preço de 4\$000 e pelo Correio 6\$400. Depositarias — Casa Alexandre — Rua do Ouvidor, 145 — Rio de Janeiro.

Centro Baiano 2 de Julho

(THEOPHILO OTTONI, MINAS)

O senhor Olyntho Senna Gomes, 1º secretário, teve a gentileza de comunicar-nos a posse da nova diretoria:

Assembléa Geral: — Presidente, Rozendo Pinto, Vice-presidente, Aureliano Aguiar, 1º Secretário, Izidoro Nascimento Netto, 2º Secretário, Aureliano Gama.

Diretoria: — Presidente, Benedito Ribeiro, Vice-presidente, Alberto Sá, 1º Secretário, Olyntho Senna Gomes, 2º Secretário, Francisco de Paula Silva, 1º Tesoureiro, Cassiano Reuter, 2º Tesoureiro, Epaminondas Torres, Orador, Dr. Waldemar Neves da Rocha.

Comissão de finanças: — José Silva Lima, João Peruhype e Antonio Castro Pires.

Comissão de sindicância: — Joaquim José Santanna, Paulo Baptista e Bernardino Helvecio.

LAVOLHO



Olhos Limpidos

Senhora, o seu collo tem a alvura do marmore e as suas unhas brilham como o quartzo rosa. Cavalheiro, a sua apparencia é irreprehensivel; está barbeado, o seu traje é impecavel mas, repare para os seus olhos, olhos que nunca foram cuidados. Ha uma formula para lavar os olhos antisepticamente isentando-os de poeira, fadiga, tensão, etc., Lave os olhos duas vezes por dia com LAVOLHO e terá bellos e brilhantes olhos.

FANDORINE

contra as doenças das senhoras

80 % das senhoras
nao vivem satisfeitas
com a sua saude



Hemorragias
Metrites
Obesidade
Fibromas
Menopausa

A FANDORINE augmenta a secreção dos seios em quantidade e qualidade prolongando esta importante função materna.

Depositarior exclusivos no Brasil:

ANTONIO J. FERREIRA & CIA. — Uruguayana, 27 — Rio

MOBILIARIOS

DECORAÇÕES

TAPEÇARIA

Albino, Barros & Cia
END. TEL. "ALBARROS"

FACILITA-SE O PAGAMENTO

FABRICA:
RUA G.ª PEDRA, 76-78
4-6053

RIO DE JANEIRO

LOJAS:
RUA OUVIDOR, 133
2-9455
RUA CATTETE, 84
5-2556

Dr. Olney J. Passos

OPERAÇÕES — PARTOS

Molestias de senhoras — Diatermia — Ultra Violeta — Diatermo-coagulação. Das 3 em diante.

Rua S. José, 19. — Tels.: 3-0702.
Res. 8-5013.

OLYMPIO MATHEUS

ADVOGADO

RUA DO ROSARIO, 85 - 1º and.

TELEFONE: 3-1224

GRAÇAS A'S GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTES

do DR. VAN DER LAAN

Desapparecem os perigos dos partos difficeis e laboriosos

A parturiente que fizer uso do alludido medicamento durante o ultimo mez de gravidez terá um parto rapido e feliz.



Innumeros attestados provam exuberantemente sua efficacia e muitos medicos o aconselham.

Vende-se aqui e em todas as farmacias e drogarias.

Deposito geral:

ARAÚJO FREITAS & CIA.
RIO DE JANEIRO

PARA TODOS

R i o

15 — VIII — 1931



NO AUTOMOVEI CLUB DO BRASIL

A poetisa Anna Amélia e os escritores e artistas que tomaram parte na festa que ela patrocinou

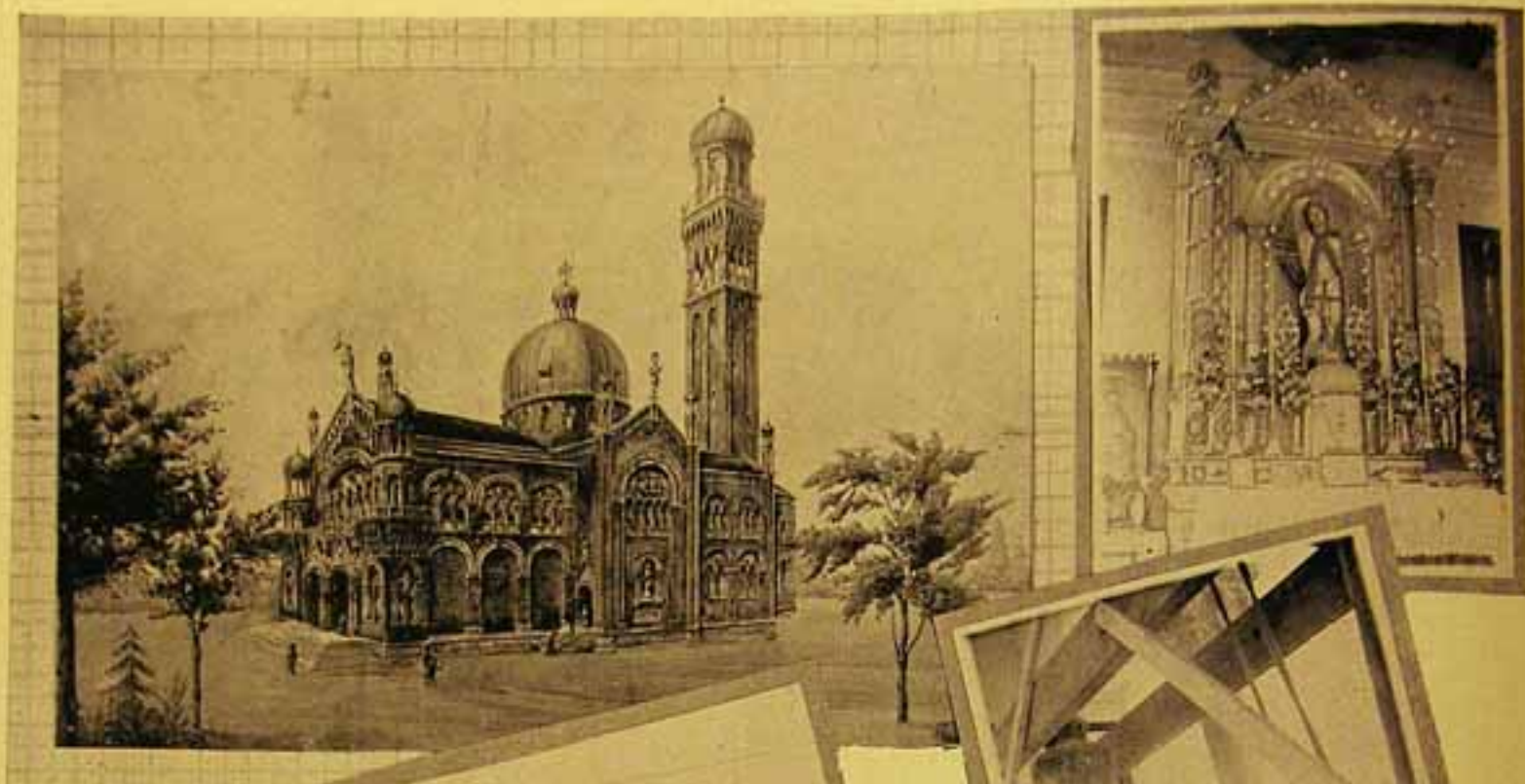
No programa do Automovei Club foram muito aplaudidos Didi Cailliet, Sofia del Campo, Gastão Pernalva, Jorge Fernandes, Pápa Lemos, Senhora Rafael Lemos e Mario Azavedo.



A Academia de Arte, fundação do Professor João Rocha, fez a sua apresentação com Carmen Boisson Santos, Alzira Ribeiro, Heros Volusia, J. Octaviano, Oscar Borgeth, Newton Padua e Arnold Gluchmann,

ACADEMIA DE ARTE

A nova casa de São Sebastião



A igreja estilo néo-bisantino, que será inaugurada amanhã, no bairro da Tijuca. A imagem de São Sebastião. Velhos sinos, duas vezes centenários, do antigo convento do Morro do Castelo. A casa onde moraram os Capuchinhos. Frei Isaías. O claustro da nova casa de São Sebastião.

MUITOS anos depois daquela noite de 13 de maio, quando a cidade era uma aclamação unânime, um louvor uníssono ao paladino popular da Abolição, João Marques, advogado dos escravos e companheiro de Patrocínio na madrugada de sua glória, lá visitá-lo na casa modesta a que se recolhera em seu declínio.

O jornalista sofria as intemperies do destino, rondado pela molestia, pelos desgostos e desenganos.

Residia em subúrbio, desterrado da cidade que tanto o festejara, num prédio humilde, ao lado do qual ficava o galpão em que a muito cuato dava andamento ao seu último sonho — o hall "Santa Cruz".

Essa miragem suavizava-lhe as decepções da fortuna, prolongava-lhe a enganadora esperança, oferecia-lhe o efêmero prazer das contemplações; mas voltando à realidade das coisas, não escondia o seu desalento:

— Vês, meu amigo. Eu deveria ter morrido naquele dia. Repara o abandono em que me acho. Eles eram tantos, tantos... Hoje parece que se arrepiam de mim. A miséria faz medo.

— Mas isto é história antiga, Patrocínio. Cristo quando tinha pão e peixe para dar, via em torno de si cinco mil estômagos a encher, cinco mil bocas a lhe entoarem louvores e dez mil mãos a lhe baterem palmas. No Calvário, quantos eram? Val contá-los pelos dedos, que os de uma só mão bastam e sobram. E o outro era branco. E tu... tu, meu caro, és apenas o Cristo negro. O outro era "o filho de Deus". E tu não passas "de um filho de Deus", como nós todos.

— Tens razão, meu amigo. Eu me havia esquecido do Evangelho. Levantou-se da cama, onde o retinham os padecimentos, e foi à janela contemplar a noite escassa de estrelas. Aquele céu escuro era como a sua existência: despovoado de luzes. Como fora belo, entretanto! Nem um outro iluminara com a prodigalidade de sua irradiação nem com o brilho de seus astros.

O visitante sentia a amargura interior dessa existência que se consumia entre lembranças de fastígio e ameaças de novas quedas.

Ficou em silêncio a olhá-lo e a estudá-lo, adivinhando nas suas expressões o suplício de quem se reconhece e mede as próprias diferenças, cotejando as fases de glória e abatimento, de esplendor e desesperança, de ascensão e de sincope.

Gravou a imagem solteira do homem que não herdou das semelhan-

ças com o seu deus a virtude apostolar da resignação nem a serenidade suprema para o sacrifício.

Naqueles olhos enfermos, de um brilho metálico, naquela voz sumida, que escondia a lâmina de cortar grilhetas, naquela mão dolente, que acendia crateras, o amigo escutava o drama interior dos impossíveis que se rebelam, "das coisas que nunca mais hão de ser".

Despediu-se — um adeus que era uma evocação à alegria dos antigos horizontes — e o tribuno lá ficou na morada humilde, vivendo a noite mo-

Os sabiás do ocaso

Por
OSVALDO
ORICO

desta de sua enfermidade, a olhar o firmamento, tão pobre de estrelas...

Sitiado pela necessidade,

tendo de escrever hoje o café e o almoço de amanhã, nem por isso o desalento atrofia a sensibilidade e mata a ilusão de Patrocínio. Na alma do emotivo ficou alguma coisa de sentimental e lírico além das provocações e dos transeis da hora amarga. No calice de cicuta conservou a gota de vinho com que se banqueteara noutras épocas. Anacreonte sobrevivia a Sócrates numa festa de sentidos e procurava para esquecer as maguas o conforto da sênica poesia.

Quando o tribuno ainda morava na rua do Riachuelo, um seu compadre chamado Luiz Goulart, mais conhecido por Garrafa de leite, que vendia milho no Centro dos Cereais e morava lá para as bandas da Piedade, lhe falava sempre num bardo sertanejo exímio nas cantigas ao violão. Patrocínio que, apesar de haver naufragado nos mares de Apólo, tinha a alma de um autêntico poeta, ficou encantado com as narrativas do compadre e mostrou desejos de ouvir o cantor. Cumprindo a promessa feita, Garrafa de leite apareceu uma noite em companhia de um tipo baixo e magro, nariz adunco de Cyrano selvagem, que sobraçava um violão traquejado. E apresentou-o à família: — Catulo do Patão Cearense.

Nesse tempo o trovador franciscano do "Evangelho das Aves" tinha a fama circunscrita aos arredores da capital e a sua glória não transpunha os arraiais da Piedade. Apreciavam-no apenas como "um trovador e cantor de modinhas".

O livreiro Castilho ainda não se fizera o Pedro Álvares Cabral do raposo do obscuro e não despegara a "des-

coberta" do Meu Brasil, Meu Sertão, Poemas Bravios, Mata Iluminada e Sertão em flor. Catulo garatujava literariamente, publicando os seus livros no papel de embrulho da Livraria Quaresma. E os títulos — já se sabe — amoldados ao ritmo da livraria econômica, eram perfeitamente modestos e tipicamente expressivos: Cancioneiro popular, Choros ao violão.

Quando o poeta cruzou as pernas e pôs o instrumento a gemer, Patrocínio começou a sentir a alegria do encontro. Aquela alma lhe seria pre-

ciosa. A vida, que começava a entristecer, a murchar, encheu-se daquela música tão suavia, vinha da humildade e do mistério. Brasileira, positivamente brasileira, nascendo tímida e igrante de sua beleza e de sua sinceridade. O tribuno sentiu-a. Aquelas cantigas falavam-lhe de velhos amores da raça, de beijos antigos, de cenas que o tempo apagou... E a música vinha acionar-lhe a memória dum sono prolongado, levando-o às selvas e campos, às lavouras e bosques, toda a paisagem de uma vida que parecia ainda virgem.

E Catulo, com as pernas cruzadas e os dedos batendo sobre os bordões, cantava as cantigas do sertanejo enamorado:

"Na minha choça
"Teu escravo sou até...
"Tenho uma toça
"É uma casa de sapé...
"Foi para dar-t'a
"Que a fiz.
"Ai, vivo só para amar-te
"Felix...
"Nele contigo serei
"Mais que um rei,
"Ah! mais que um rei".

Palmas gostosas, sentidas, de quem bebe a poesia na concha das mãos, tirando-a do regato ou da fonte gorgolejante.

Patrocínio era o mais enternecido. Quando o violão arrancava um do peito, o jornalista não se continha: interrompia-o com um "bravo", e adiante outro, uma sucessão de interrupções que denunciavam o seu temperamento emotivo e arrebatado.

"Como eu sou rico
"Si florece o cafezal,

"Nem sei...
"Ah! como eu fico
"Se rae cresce o milharal.
"Sou rei...
"Mas fico mudo
"Sem ti...
"Chora tudo, ai! tudo, tudo,
"Daqui!..."

o
o o

Desde a noite em que, pela mão do compadre Luiz Goulart, Catulo entrou em casa de Patrocínio, nunca mais saiu de sua alma. Ficou vivendo na curiosidade e adoração do jornalista. Aquela música, aquela "língua" negligente, que não se vexava dos solecismos nem se banhava nas regras da gramática, aquela língua rude, barbarizada, impulsiva, irrequieta, aquela língua falava à sensibilidade bravia de Patrocínio com a intimidade das mesmas origens. Quando os fados, cada vez mais adversos, arrastaram o tribuno para o subúrbio, as borboletas da cidade deixaram de voar em torno da roseira que ia murchando. Fugira o aroma das pétalas fanadas e das flores caídas. O herói da cruzada abolicionista entrava, recolhendo-se ao leito para o qual o empurrava a molestia soffrega. Passava as noites no seu casebre subúrbano, caçando assuntos para as secções dos jornais que o ajudavam a viver.

Dessa melancolia do ganho — pão diário arrancavam-no, felizmente, as serenatas que se improvisavam no seu lar. Os temporais e os raios haviam destruído os galhos do jequitibá majestoso; mas para seu conforto e alegria, sobre o tronco pulcrescente e carcomido, ainda se aninhavam os sabiás da mata. Sim, os sabiás da mata vinham doirar-lhe a finlória do ocaso, tornando menos triste a solidão. Na última fase da existência de Patrocínio, tres hoédios, conhecidos como "irmãos da opa", e para os quais a vida tinha a irresponsabilidade de uma trova, procuravam sempre o casebre do Engenho de Dentro para ali deixarem um pouco de música afetuosa. Eram eles: o Irineu, "um mulato gordo que, quando cantava, fechava os olhos empapuçados, de que lhe escorriam lágrimas"; o Luiz de Souza, "piston que do agudo instrumento tirava sons de flauta e de violino"; e Mario Cavaquinho, famoso em todas as serenatas dos subúrbios. O "terceito" compunha-se... de quatro. Catulo cantava. Cantava e "era uma cigarra embalando outra cigarra na tormentosa estação".

(Do livro "O Tigre da Abolição")

O HOMEM QUE JOGAVA COM O DIABO

POB
DURVAL MARGONDES

1931
DAMAS DO RAM-ME-RAM



HOMEM devia ser feliz. E' uma injustiça que não o seja, está claro. Mas está claro também que a culpa não é minha: Alguem, algum artista, que precisava divertir-se, inventou a dúvida para vê-lo sofrer.

A vida é uma sucessão de encruzilhadas. Ao destino pouco importa que um homem siga o caminho das rosas ou o caminho das urzes: ambos o levam à morte.

E' de lamentar-se que, sendo a morte o ponto convergente de todas as existências, não haja para lá uma avenida única bem asfaltada e iluminada, com trânsito livre para todos os veículos. Seria de uma grande utilidade. Isso, porém, é com S. Ex. o Prefeito do Universo. E eu não tenho influência política para convencê-lo.

A humanidade só se empolga com as cousas que têm o selo do Infinito. Só as cousas carimbadas pelo Além é que a impressionam. E o jogo é uma delas.

Eu acho pecado fazer-se campanha contra o jogo. Porque o jogo é arte.

Os jogadores são verdadeiros artistas. Mais do que os poetas. Mais do que os músicos. Mais do que os pintores. Porque são eles, os jogadores, que melhor reproduzem a vida.

Deante do pano verde deste mundo, ouvimos dentro de nós uma multidão de vozes, que chamamos instintos, e que nos gritam desesperadamente:

— Joga no 19 !

— Não ! Agora dá o 26 !

— Olha: não desprezes o 15 !

Ha homens que não têm sorte no jogo da vida: Jogam no amor e dão o odio. Jogam na verdade e dão a mentira. Jogam na virtude e dão o pecado. Jogam na esperança e dão o desengano...

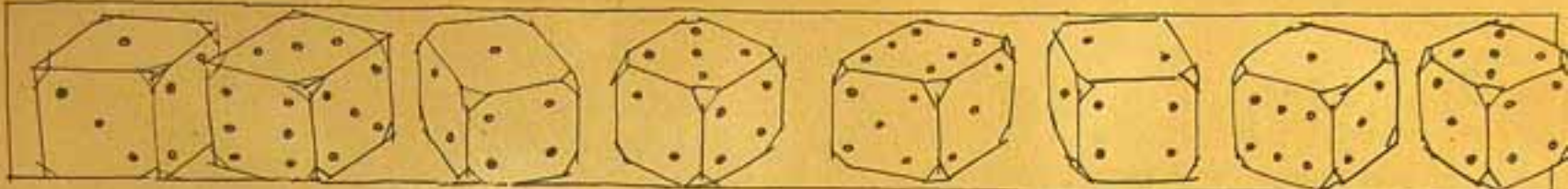
Eu conheci um deles: Era Carlos Alberto de Oliveira.

Carlos Alberto de Oliveira era um sedento de felicidade. Vivia pelos seus ideais. Quando eu o conheci, passava os dias entesourando sonhos. Dentro daquela figura franzina de rapaz palido e nervoso agitava-se o maior tumulto de ambições que um homem possa ter. Era um obcecado pela ventura. Era uma vontade moça e forte que a *iara* da vida tinha fascinado. Era proximo portanto o seu mergulho.

E assim se deu: Encontrei-o, numa tarde, no "Bar Viaduto", mais pálido do que nunca, olhos encovados e cabeleira revolta. Sentei-me a seu lado. Entre dois chopos vieram as confidencias. Ouvi suas desditas. Nem era preciso que as contasse: mesmo que se arrisquem grandes somas quem sá ganhando é quasi sempre o banqueiro.

Carlos Alberto convencêra-se da inutilidade da vontade. Tinham-se afrouxado de todo os seus musculos da alma.

— E agora, falou êle, a inteligencia a dansar-lhe nos olhos, agora eu sou um homem prático. Sigo a lei do mínimo esforço. Como já lhe disse, a vida nada mais é que um jogo de baralho. O diabo guarda uma carta e nos dá as outras. Nós temos que escolher uma destas, pô-la sobre a mesa e gritar: vejo ! Só então é que o diabo descobre aquela que tinha escondido. E' inutil querer conhecê-la antes. E' baldado torturar-se a inteligencia para tentar adivinhar o que não é permitido adivinhar-se.



Por isso eu tenho agora uma resolução mais pronta. Não vacilo mais, como antigamente, á beira de minhas dúvidas. Acabou-se o período das hipóteses...

E, tirando do bolso um dado pequenino, de um marfim mais pálido que o de seus dedos, acrescentou, com uma réstea de ceticismo a pairar-lhe nos lábios:

— E' ele que me resolve tudo. Quando tenho agora uma estrada dupla aberta diante de mim, não faço o que fazia dantes. Sei poupar o meu tempo e as minhas energias: o meu dado resolve tudo.

E despediu-se de mim.

* * *

A Bíblia diz que Deus foi que inventou a mulher. Um poeta, pessimista como todos os poetas, disse que foi o diabo. E foi sim. Seria ofensa atribuir-se a Deus tamanha maldade. Deve ter sido mesmo o diabo: Achan-do poucos, para seu deleite, os enigmas do universo, creou ainda esse que é o mais torturante de todos.

Carlos Alberto, coitado!, o homem dos problemas, achou-se de repente diante do terrível problema. Como todo homem acima do mediocre, ele amava também espiritualmente...

E queira fazer o impossível: queria resolver essa charada tremenda que já por natureza não tem solução alguma.

Ele ignorava que o unico meio infalível de compreender-se a mulher é considerá-la a priori como um problema sem sentido, arnado pelo demonio, e por isso mesmo insolúvel.

A tão falada complexidade da psicologia feminina é apenas aparente. E' puro fogo de artifício da pirotecnia infernal. A brilhante imaginação dos homens inteligentes é que a faz prodigiosa. No fundo, feita por quem o foi, ela é a coisa mais simplória e rasteira deste mundo.

Carlos Alberto, temperamento impulsivo, não compreendia nada disso. E por isso é que Marina o fez sofrer. Com seu espirito audaz e extremado, ele quis, de um golpe, descer até o fundo dos sentimentos de Marina. E não achou maia do que podia achar: achou que era um infeliz.

E o maior dos dilemas apresentou-se então, firme e categórico, diante d'ele: ou entregar-se perdidamente á mulher que ele adorava, para servir de capacho ás suas vaidades, para ser pisado pelos seus caprichos, para humilhar-se, para enraivar-se, para torturar-se, ou, então, coisa mais decisiva, fazer de uma vez saltar á bala seus miolos.

A terceira hipótese, viver sem ela, é que era de todo impossível: áqueles encantos ele já tinha assimilado de todo seu ideal. Amava até os seus defeitos...

Carlos Alberto estremeceu então entre essas duas amantes mudas e terríveis: a mulher e a morte!

Era inutil pensar. A mão agitou-se, o dado rolou e resolveu tudo: Resolveu pela mulher.

Foi ter com Marina. Disse-lhe tudo. Pediu-lhe tudo. Implorou-lhe tudo. Ela não quis aceitá-lo. E ainda achou graça n'ele.

O diabo ganhára aquela cartada...

Voltou desvairado. Agora estava perdido. Só havia mesmo uma solução: era matar-se.

Entrou no seu quarto. Empunhou o revólver...

Mas se esperasse um pouco? Quem sabe se ela se arrependeria? Quem sabe se ela viria a tornar-se doida por ele? Quem sabe se ele a esqueceria? Quem sabe?...

E voltou a dúvida.

Tornou-se ainda mais agitado.

As idéas sarabandavam-lhe em tórno.

Falava sózinho.

Os minutos angustiosos passavam, cada vez mais ofegantes.

Súbito, pelo soalho, o dadinho rolou de novo, rindo um riso feliz nos seus olhinhos pretos...

Deu a morte.

Houve uma detonação.

* * *

Mais tarde, soaram passos de mulher no corredor.

Era Marina. Resolvêra dobrar o seu orgulho. O seu amor por Carlos Alberto era afinal mais forte que seu orgulho. Era preciso acabar com aquêle prazer sádico de fazê-lo sofrer. Era preciso confessar-lhe tudo. Era preciso abraçá-lo. Era preciso beijá-lo...

O diabo ganhára ainda aquela cartada...

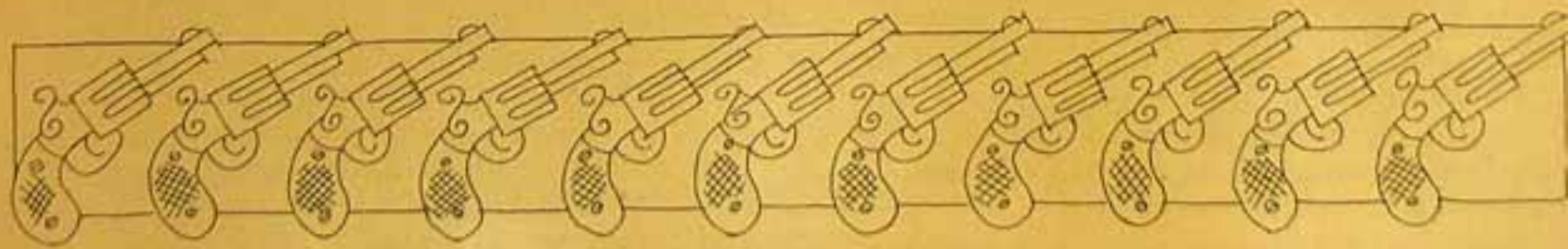


ILUSTRAÇÃO DE PAIM

HERMAN Keyserling, na sua reportagem filosófica do mundo, passou pelo Rio como um cometa vertiginoso.

Tinha pressa de chegar ao velho continente, que estudava comparando ao antigo e ao novíssimo para que a sua "Análise Espetral da Europa" não fosse falha de bases e de induções.

Extraordinário, porém, é a fascinação desse bruneliano cerebral pela trivialidade das músicas populares, onde ele encontra sombria e doce para conversar sobre o itinerário da humanidade.

E os seus olhos azues pequeninos, que lembram vitrais iluminados de velha igreja, melancolizam a paisagem universal, fazendo prever no seu estranho desencanto, uma opinião íntima em desacordo com a expressada.

Para Keyserling a materialidade e o superficialismo ocidentais não são tão absorventes, como se diz.

Mas então por que, demarcando "a originalidade da linha portuguesa no espectro europeu", a sua análise, como a de um "tourist" displicente só ouviu e sentiu o encanto das guitarras?

Ele próprio, sem sentir, pilotando o avião do neo-espiritualismo, contradisse as suas razões planando a pouca altura — traído pela sedução de inclinações que transparecem a todo instante — para que os seus olhos azues pequeninos conseguissem divisar cá em baixo o jardim das emoções tranquilas cultivadas no anonimato pelas raças.

Porisso eu tive pena que o conde Herman Keyserling passasse pelo Rio, como um cometa vertiginoso.

ANÁLISE ESPECTRAL DA MALANDRAGEM

Presuma-se o que sob o manto do prestígio filosófico do encantador imaginário o mundo não ficaria sabendo do samba, quando ele, confessa, naquele livro, evocando os fados que escutara na terra portuguesa:

"Foi um dos acontecimentos mais significativos da minha vida, o ter ouvido essa música..."

E a análise espectral da malandragem?

Seria de certo o próprio estudo do tipo nacional.

Porque, assim como na alma do hespanhol ha sempre um pouco de Don Quixote; no espirito gaulês, panejam as calças ironicas do "gavroche" e no do alemão ha a perspectiva de uma caricatura do "Simplicissimus", nos brasileiros temos cá dentro, irremediavelmente, uns fortes traços de malandragem.

Mas no bom sentido da palavra. Vivemos "esperando na volta".

Ninguém "estéril".
Pra que? Não vale a pena. Nós ficamos na esquina...

Essa paciência nacional que põe um "aguarde a oportunidade" em todas as "diferenças", o que é senão pura malandragem?

Faça-se uma ligeira investigação na história pátria e veja-se o que sai.

A implantação da República, por

exemplo, é um caso típico. Deodoro sai da cama com dores nos rins para, segundo lhe disseram, exigir a demissão do gabinete Ouro Preto.

Benjamin e Floriano, cozinheiros do movimento, quando apanham as barbas ornamentais do marechal em cima de um cavalo, revelam o plano.

— Mas o "velho". Eu sou amigo do "velho".

Era tarde demais e aquela figura de oleografia, ao volver à residência para pregar nas costas outros sinapismos, deixou feita na cidade, a República dos Estados Unidos do Brasil.

Isso foi ou não foi um notável golpe de malandragem?

Depois, por aí a fora as figuras marcantes do país vêm vindo, driblando a gente.

O dr. Nilo Peçanha usava até a voz rouca de quem fez na véspera uma serenata puchada.

"Paz e Amor".
Amor! muito amor, principalmente!

Dizer que nós somos do amor é um jeito carinhoso de não nos chamar de malandros.

Porque de fato a palavra ainda não está rehabilitada.

No picadêiro político do país só dá gente que caminha gingando, "aparando" golpe.
A capoeiragem mental desaparece

ceu, mas ficou aquilo que se chama no "argot" do morro um geitinho maneiro e na gíria cá de baixo, habilidades.

No morro, o malandro usa roupa branca, chapéu de cinza claríssimo, lenço ao pescoço e tira sambas.

Aqui no asfalto, ele tira um diploma, usa colarinho e faz política.

Mas conserva sempre a alma musical do outro e as suas atitudes são na vida as mesmas do bailarino de salão: espetaculosas e, às vezes, quasi interessantes.

A questão está em saber apreciá-las, pegar o detalhe.

Aliás, nisso, como em quasi tudo, o encanto está em saber divisar o pormenor.

Viver no sentido geral todos vivem...

A revolução de Outubro, por exemplo, oferece a um analista bem humorado, recantos de panoramas espirituais perfeitamente admiráveis para estudos.

Sobretudo porque através de poucas personalidades seria possível o levantamento da topografia de uma época.

E desde logo se distingue no espectro global da agitada hora que vivemos, a linha malandragem dos seus dirigentes.

Os que saíram estão esperando os outros na esquina.

Não importa que ela esteja localizada em Paris.

De qualquer modo estão na esquina...

O que parece, entretanto, é que eles vão cansar de esperar.

Porque os de cá — peço licença para dizer que tenho por eles uma simpatia imensa — também sabem requebrar o passo...

LICURGO
COSTA

PARA TODOS...

D a s e m a n a q u e p a s s o u



A Senhora Getulio Vargas deu, no Palacio Guanabara, a sua segunda recepção d'este inverno ao Corpo Diplomático Estrangeiro e à Sociedade do Rio de Janeiro.



Os amigos de João Alberto reuniram-se em torno d'ele, no Palace Hotel, para um almoço de regosijo pela sua atuação como Interventor Federal em São Paulo.



No Club Naval, o Ministro da Marinha ofereceu um almoço aos aviadores do Uruguay que vieram ao Rio, na volia da nossa esquadilha aerea.

Entre a gente esportiva



Durante o baile do America Football Club que se realizou no salão da Associação dos Empregados no Comércio.



Jogadoras de Voley-Ball do Collegio Icarai e do Ginasio Bittencourt, Niteroi.



Alunos do Collegio Icarai que tomaram parte nas provas de domingo passado.



Batismo dos novos barcos do Club de Regatas Vasco da Gama



MARLENE DIETRICH

DE **ALVARO
MOREIRA**

Então, as fitas dos Estados Unidos derramaram pela terra inteira os modelos de depois da guerra, pessoal esportivo, turma do "flirt" largado, "team" do amor campeonato. Danças, passeios, complicações, várias lágrimas, alguns murros, diversos automóveis, um bruto beijo no final, pronto: a felicidade. Clara Bow e Companhia. Sistema americano. Nada além de dois mil réis. Freguezia de parar o trânsito.

As exceções resvalavam. Quem se recorda do "Lírio partido" e de Lilian Gish?

De repente, surgiu Greta Garbo! Mulher feminina... Escândalo na rua! Os rapazes não compreendiam. Os senhores matavam saudades. As pequenas diziam: "Nossa Senhora!" As senhoras ficavam caladas. Começaram as cópias.

Porém um dia, no "O Anjo Azul" que chegou de Berlim, chegou Marlene Dietrich. Ein?! De novo, em "Marrocos" que chegou de Hollywood, chegou Marlene Dietrich. Quem!? Marlene Dietrich. Asta Nielsen de 1931, diferente de Asta Nielsen como é diferente de Greta Garbo. Sem roupa, sem pintura, com um jeito que a continua no ar, uma voz cansada de toda a vida e que ainda canta "Quand l'amour meurt"... Menina e velha, misteriosa e escancarada, instintiva, verdadeira. Mulher ao natural.

Agora é que eu quero ver...



ISTO de viver está muito espalhado. Entretanto não é fácil. Por dentro, a gente se arranja, cada qual vai indo como pôde. Por fora é que é o diabo.

O cinema, graças a Deus, trouxe exemplos bons, feitos agradáveis. Mais para as mulheres do que para os homens. Os homens conseguiram Carlito, a quem já chamaram: cidadão do Universo. Mas, Carlito, imagem exterior, não é um figurino, é um estado d'alma. As mulheres são mais felizes. Não lhes têm faltado fôrmas. E que fôrmas!

Francesca Bertini... Lembram-se? Epidemia. Pegava que não era brincadeira. Quando grassou, não havia outras mulheres no mundo, só havia Francescas Bertinis. Mais baixas, mais altas, mais gordas, mais magras, brancas, pretas, vermelhas, amarelas, unanimemente com a mesma boca mordendo-se, as mesmas mãos nos mesmos cabelos, a fatalidade igual. Na Europa, na Ásia, na África, na América, na Oceania. Passou.

Veiu em seguida a época de Theda Bara, caça da véspera conserva de mulher. Não foi molestia, foi moda. Ela olhava as vítimas, do fundo das olheiras colossais; possuía um corpo afilto, punha em cima do corpo coisas mefistofélicas, dava azar. Usou-se muito.

UMA PAGINA DO MEU DIÁRIO

DESDE o dia luminoso da minha primeira comunhão, quando tracei, com mão tremula e feliz, as primeiras linhas, habituei-me a deixar periodicamente, em meu velho diário, todas as minhas impressões.

Horas a fio, debruçada sobre ele, narro-lhe, — amigo fiel, que não me trairá e me ouve com unção — as maguas, os desalentos e as fugitivas alegrias que me reconfortam. Distancio-me, assim, do ramerrão insidioso dos dias intermináveis da roça.

Traço esta página íntima, convicta de que é a mais amarga das que tenho escrito até agora, e, ante meus olhos embaçados, as letras dançam, à cadência macabra das lágrimas.

Vóvó morreu! Nunca mais hei de ouvir-lhe a voz mansa e querida, narrando-me, emocionada, passagens da sua longa vida, terminada há pouco, como um êlo partido, com violência.

Vendo varia a banquinha onde ela se sentava, a tecer, com mãos de fada, crivos de uma perfeição maravilhosa a saia de jantar me parece enorme como um mundo.

Vêm-me à memória os dias já vividos. Vejo-a, ali, como há um ano atrás, trabalhando. Com voz branda, fala-me dos tempos que não voltarão, narra-me a primeira viagem ao Rio de Janeiro, na diligência, que fazia o percurso daqui à Corte, em cinco dias.

Saltei, scandalizada: A sra. foi! Deus me livre! Ter-me-ia deixado ficar em casa, sossegadamente.

— Você diz isto hoje, minha filha, que, saindo daqui, cedo, almoça-se, descançadamente, em Petropolis, e desce-se ao Rio, muito a tempo de flunar na Avenida. Mas naquele tempo, a viagem em diligência era uma diversão, até. Gente que ficava no caminho, gente que embarcava; as mudas, com parada obrigatória, onde atrelavam novos animais, descansados. Pernoitava-se nas estalagens, onde o hoteleiro, atencioso, dispensava amabilidades a todos e onde o jantar, bem feito, apetitoso, era servido em longas mesas, cobertas com toalhas alvas...

Vivendo intensamente, a essa evocação, a mão parada no ar, num ponto inacabado, noto-lhe o extase da fisionomia.

— Estou até sentindo o cheiro dos manjares, a me fazerem moça, capité!

Mais tarde, continua ela, sem dar atenção a meu aparte intempestivo, graças ao grande benemerito mineiro, Marianno Procopio, foi construída a União e Indústria, e as viagens tornaram-se mais rápidas. Foi muitas vezes da fazenda à Corte, em quatro dias.

Pensando nesses quatro dias de "viagem rápida", eu sentia a poeira da estrada, os solavancos do veículo, as conversas aborrecidas dos viajantes suarentos. Invadia-me um

desanimo formidável, esquecida de que, comodamente sentada, cosia a roupa das crianças.

Nesse instante, como um turbilhão, entra correndo meu filho menor, e atira-se estouvadamente ao colo de Vóvó.

— A sinhóla za arabou, mauritinha, diz-lhe, na sua língua taramelada, carregando muito nos érras.

— Cuidado, meu filho, que se espete na agulha!

— Vem vê, madrinha, tá beleza! Hontem mamãe pendeu no ninho uma galinha sóca em cima dos ovos e hoje ela botô uma pução de pinilinho!

Rimo-os à idéia extravagante, e ele, teimoso: Vem, madrinha, é verdade sim, vem vê!

Vóvó pisa tão levemente como um passarinho e sempre nos surge como uma aparição. Lá vai ela, que lhe faz todas as vontades, ao bisneto e aliado querido: o seu "dodô", noventa anos mais moço do que ela.

No cercado das galinhas, ouve-se a voz aguda do menino, espantando os pintainhos dourados e macios, apertando-os, machucando-os, sem atender a voz preciosa, que reenteende, meiga.

— Vóvó teve dez filhos, não? — interrogo-a, quando ela volta.

— Nove, minha filha: os que você conhece.

— Disseram-me, parentes, que lhe morreram um, de desastre, pequeno ainda.

Ela nega. Insisto. Atordoada, Vóvó cede. Fita-me longamente, e, com a voz embargada, narra-me a cena tremenda, que lhe ficara indelevel, na memória. Morreram-lhe, sim, um filho, lindo, sadio e já andando, antes de completar um ano.

Era tempo das colheitas e ia uma grande azafama na fazenda. Meu marido, o Senhor, como o chamavam, estava na roça, fiscalizando o serviço dos escravos. Dia claro, de muito sol, céu sem nuvens, azul e lindo, como é comum aqui, nas nas nossas quetridas montanhas. Uma brisa, muito fresca, balançava os galhos das árvores. No pomar, contrastando com o verde e ouro do laranjal, arcado ao peso dos frutos sazonados, a risada rubra e tatalante das asas dos tie-sangue ariscos. Carros chegavam, chiando, modorrentos, carregados do milho que era recolhido ao paiol.

Cativas, fiavam, na varanda, cantolando velhas e rudes cantigas, aspergidas da saudade dos filhos e maridos, vendidos a outros senhores; ou, mais alto, desflavam compridas ladainhas, de mistura com rezas supersticiosas, onde se confundiam, arcanjos e sacis-pererês.

Eu e três escravas fazíamos quitandas e bolinhos para a hora da merenda, que se aproximava.

Havia muito tempo já, que o pequenito dormira. Quem sabe se acordou, está chorando e não o ouvimos? Digo à ama, a Rosaria, que vá velo,



Ela volta, aflita: "Nhãnhá, Sinhózi-nho num tá lá não; u berçu tá vaziu".

Não é possível! Quem tivesse de entrar no quarto, passaria, forçosamente, por onde eu estava e pelas fiandeiras, que não saíram da varanda!

Verificada a verdade, suspenderam os trabalhos, foi uma confusão, um horror! Até as matas foram batidas e o "eito" esquadriado. A notícia correu rápida e a fazenda encieiu-se de parentes e amigos.

Alguem lembrou os ciganos que passaram na véspera: o menino fora roubado! Seguindo por atalhos, partiram logo vários portadores, a certá-los.

— E o monjolo? indaguei, ansiosa. Mas, pensei ao mesmo tempo: ai, ele não iria sozinho, a distância é grande para suas perninhas tropegas. Depois, há também a pinguela que ele não atravessa. Dirigi-me para lá, logo seguida por outras pessoas e fui achá-lo, esmagado no monjolo, lívido, desfigurado, numa poça de sangue. Agarrei-me ao corpezinho do inocente amado, alucinada, chamando-o, aos gritos, abluindo-o de beijos.

Houve quem aconselhasse meter os escravos no tronco; que sofressem todos: o culpado confessaria!

Defendi-os: não fizessem isso; não foram eles. Foi um Anjo do Senhor, que viera, sem ser visto, e levava a criança, para evitar-me, no futuro, uma dor ainda maior.

Notando-lhe a voz sumida e o rosto transtornado, cai-lhe aos pés, aper-

tando-lhe, nas minhas, as mãos cheias de rugas.

— Perdôe-me, Vóvó! Fiz sangrar a ferida da sua alma, que 70 anos não bastaram para cicatrizar! Eu não sabia que fora assim!

— Ha fatos, minha filha, aos quais não nos referimos, e que, não nos saem do pensamento, a toda a hora, a todo instante, sempre, sempre, sempre!...

Permaneceu calada, muito tempo, transfigurada, os olhos gastos pelo pranto e pelos anos, fixos, como que presos a essa passagem dantesca da sua vida! Respeitei-lhe o silêncio, imóvel.

Foi um Anjo do Céu que o levou, disse ainda. Crescidos os outros filhos, desgostos não me faltaram, convencendo-me disto. E' muito certo o ditado: "Filhos criados, trabalhos dobrados". E' o Destino, ao qual não se pode fugir, e Deus determinou fosse o meu!

A banquinha está vazia, e, inacabada, uma toalha de crivo, primorosa, que ela desejava terminar, quando voltasse.

Nunca mais Vóvó ha de voltar! Guardarei o trabalho incompleto para não macular com a minha inhabilidade a perfeição do seu labor de mestra. No amago, na parte que só se mostra a Deus, viverá insubstituível a imagem querida; e, como um marco da nossa raça, o exemplo profundo de virtude da sua vida corajosa e digna.

Santa, querida Vóvó!
MARIA SYLVIA

PARA TODOS...



A ARVORE DA ESTRADA

Arvore! Quem dirá, vendo-te o talhe esguio,
Que não foste mulher um dia? Quem dirá?
Nos teus cabelos quando passa o vento frio,
Que saudades de amor não te despertará?

Vendo-te em refração dentro da água do rio,
Sinto que a tua sombra humana dormirá
Embalada na voz do eterno murmúrio
Da água fresca que o teu destino embalará.

Arvore! Na aflição que o teu silêncio encerra,
Sendo noiva do sol, sendo filha da terra,
Não canta em tua fronde um pássaro sequer.

E's um vulto que emudeceu na distância e
mais nada.

Mas os tropeiros, quando passam pela estrada,
Olham-te como se olha um corpo de mulher.

OLEGARIO MARIANNO

PARA TODOS.

HI CRUEPUSCULAR

ALVARO
KILKERRY

A uma grande sedução perigosa naquilo a que chamava Goethe a pirâmide da existencia. Os espiritos dominados por essa fluida e subtil tendência a uma vida cheia de ritmo e harmonia deformam facilmente a realidade, quando não são por ela a cada passo contidos nos seus vãos atrás dessa grande Ilusão.

Existe porventura uma certa relação entre todos os elementos indistintos e impercíveis que se agitam no fundo de cada qual de nós e o mundo exterior, e é uma grande sabedoria procurar acomodar os nossos pensamentos á tonalidade e ao som de cada instante, contanto que não se queira mais do que elle pôde dar.

A vida não perderá a sua significação simplesmente porque não podemos renová-la perpetuamente, e essa amargura estranha que o coração sofre ás vezes de um cerrar tristonho e lento de palpebras de desilusão tem também energias redentoras.

Franjando-nos a alma de uns longes de melancolia, elle nos dá também uma grande serenidade ao espirito, e ao sorriso uma ironia leve pelo pungir mudo do destino.

E por que nos debruçarmos sobre o tantalizante vale do passado?

Uma a uma, as melhores esperanças vão ressurgindo para dissolvente carícia da saudade.

Estiramos medrosas e tremulas as mãos, para a ternura dêste sorriso, a doçura daquelle olhar:

Rien! Vous ne trouverez rien

Sous les doigts... Il échappe, Illusion.

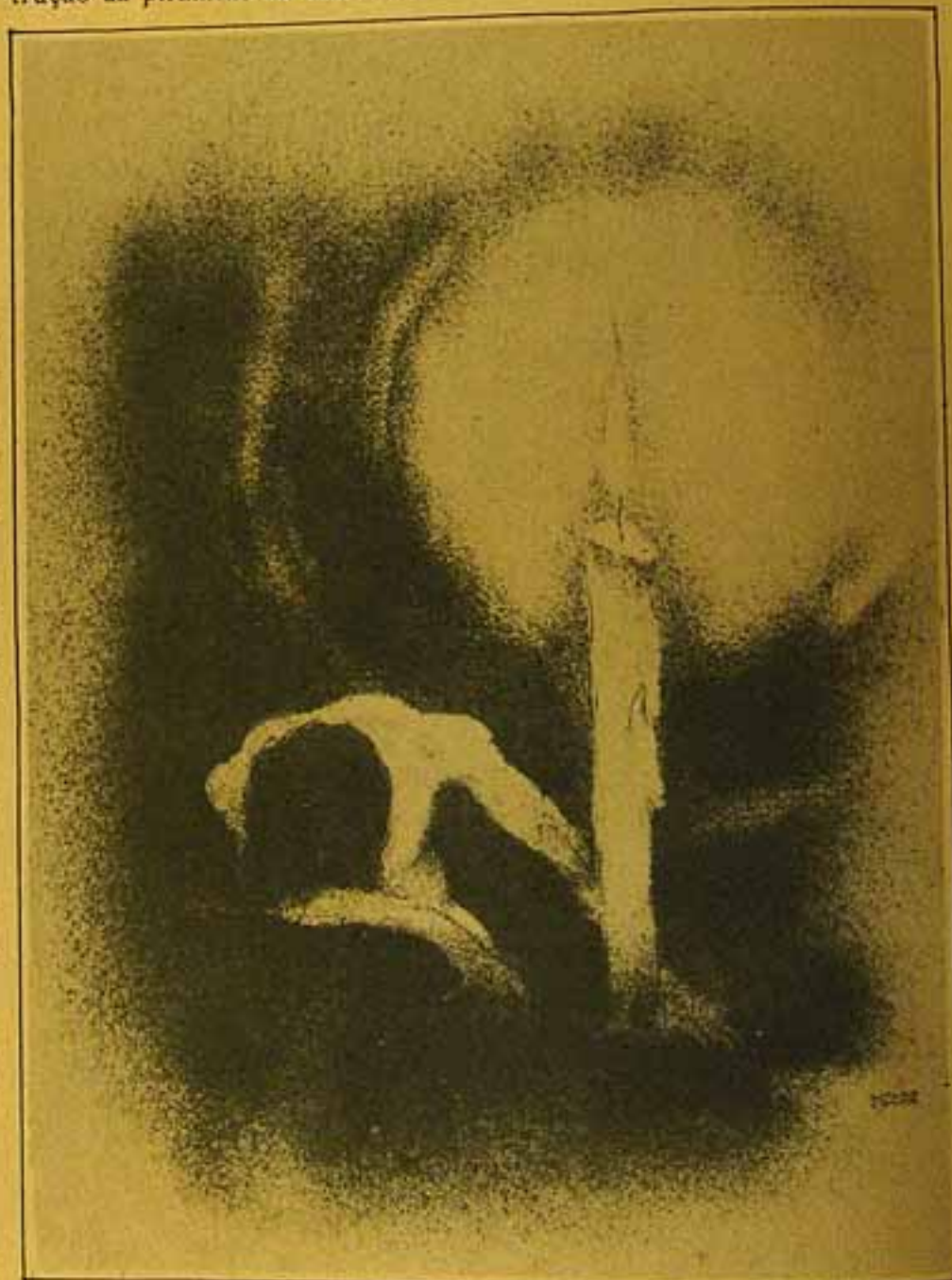
E vai-se espelhando nas evocações dos

momentos transcorridos o melhor de nós mesmos, numa perspetiva limitada de horizontes vazios...

Sol apagado, o nosso entusiasmo, vai rolando para o sem fim da renuncia e do nada!

Um grande sonho despedaçado agora, uma grande magua triunfal a solução energica da mocidade!

Ha um grande perigo sedutor na construção da pirâmide da existencia.



Vida...

Desenho de
Sotero Cosme



Recepção na Legação da Bolívia
Ao centro: no chá de Pequena Cruzada



Em baixo: chá oferecido ao arquiteto Lucio Costa que está
ressuscitando a Escola de Belas Artes.



De um sábado
a
outro sábado



Antes do Almoço com o qual os amigos do Dr. Afrânio
Costa festejaram a sua nomeação para juiz.



No Colegio Icarai, de Niteroi, quando foi entronizada
imagem do Sagrado Coração de Jesus.



No salão da Senhora Jorge Abreu, quando foi a sua festa
de aniversário. Houve uma hora de poesia em que tomaram
parte, com alguns escritores de Niteroi, a poetas Elise
Mazza Nascimento Machado e os poetas Murilo Araújo
e Silvio Julio.

A Quarta Feira Internacional de Amostras inaugurada há pouco pelo Chefe do Governo Provisório, tem sido visitada diariamente por uma verdadeira multidão, o que constitui um verdadeiro record em se comparando aos anos anteriores.

Todos os ramos da atividade industrial e comercial, cujos produtos cons-

tituam uma utilidade de compra ou venda, necessitam de ser mostrados ao público, e, raras vezes, encontra-



O Dr. Adolpho Bergamini, interventor do Distrito Federal, ao lado do Dr. Getúlio Vargas, Chefe da Nação e sua Exma. esposa, os Srs. Ministros da Guerra, Marinha, Trabalho e Agricultura, e outras pessoas gradas, no dia da inauguração da Feira de Amostras do Rio de Janeiro.

rão uma oportunidade tão real quanto as Feiras de Amostras, que, verdade seja dita, de ano para ano vêm

mais se sobressaindo, não só pela enorme concorrência de expositores que surgem do norte a sul do país, como pelas diversões que aí se encontram, sem similar no Brasil.

O que se vê na Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro, patentela bem o quanto já conseguimos de material em todas as classes de servi-

ços públicos, o que é a nossa indústria e comércio e a necessidade que temos dessas exposições anuais nesta Capital.

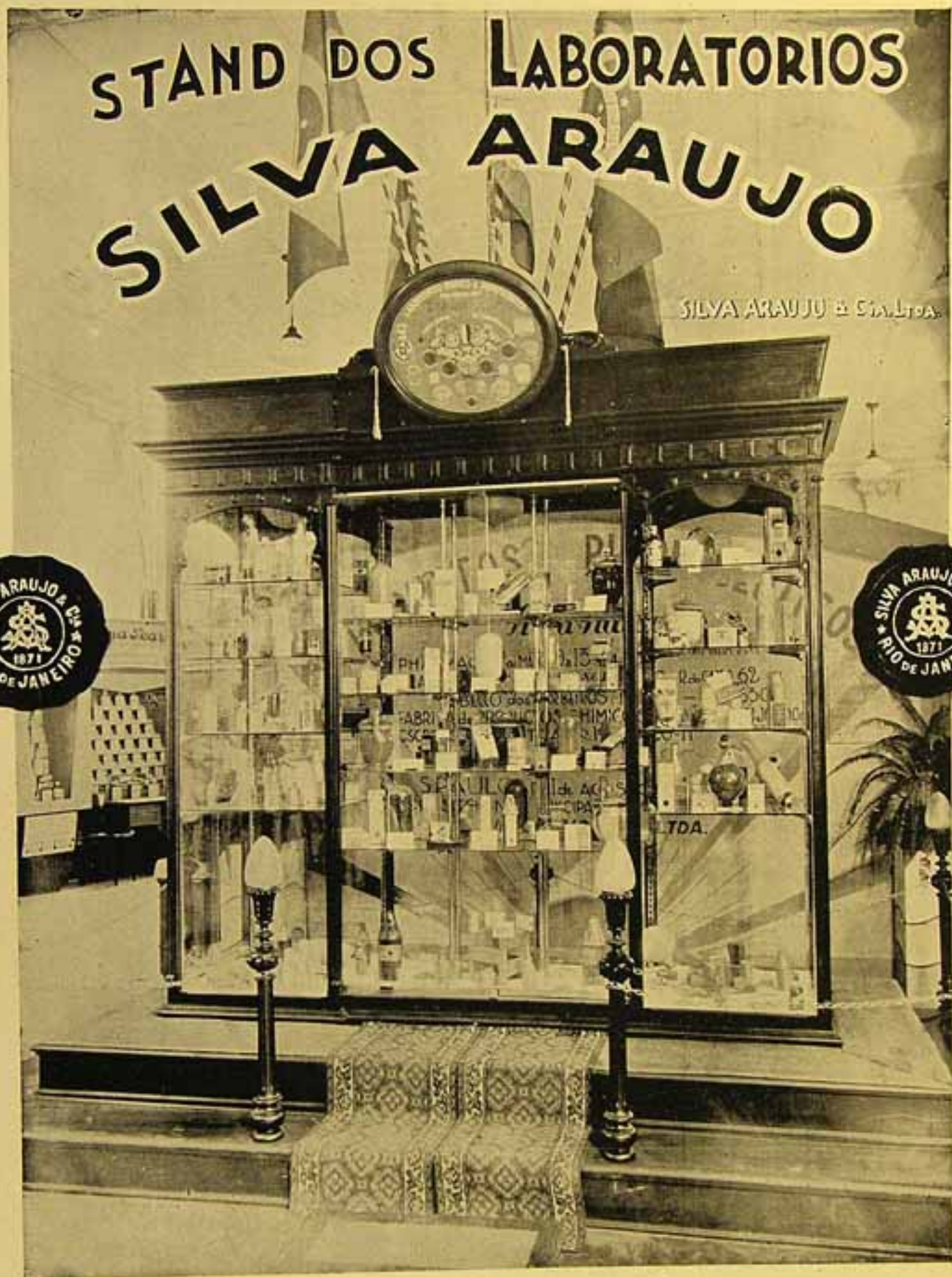


O Chefe do Governo Provisório, Dr. Getúlio Vargas, Ministros de Estado, Interventor Federal e outras autoridades no "stand" TELEFUNKEN, afamada firma de aparelhos de rádio.

PARA TODOS...

STAND DOS LABORATORIOS SILVA ARAUJO

SILVA ARAUJO & CIA. Lda.



Alguns dos productos expostos:
Bi-Urol - Guaraná Iodo Kola -
Drageas Opothérapicas
Creme de Magnesia - Ingesta
Gottas Physiologicas

Xarope Iodeto de Calcio
Kinlobis oleoso e solubilizado
Extractos fluidos
Vacinas de Wright
Vitaminas

Teatro



Beatrice Bretty

Ela vem ao Rio pela primeira vez, escapada da Comédie Française. É uma artista fina, interessantíssima. Ele já esteve aqui. É ótimo. Estréiam em Outubro no Municipal.

Ernest Ferry



O Trionon tem em cena, desde terça-feira, a peça "A Última Conquista", de Renato Vianna. Mais um êxito notável da temporada brasileira de Procopio. Renato Vianna, afastado do palco desde aquela tentativa da "Caverna Mágica", voltou vitorioso. Toda a Companhia do Trionon trabalhou com boa vontade na apresentação da "A Última Conquista". O cenário, os arranjos, os móveis foram desenhados por Lula, o mais novo e o me-

Procopio
Ferreira
na
comédia
"O
segredo
de
Prospero",
um dos
grandes
sucessos
dêste
ano,
no
Trionon.
Desenho
de
Lula



lhor dos nossos decoradores. Procopio está certo, acreditando no que os outros não acreditam. Peças de escritores são sempre diferentes de peças de autores... E os artistas modernos entendem mais de cenografia do que os velhos mestres, ótimos para os prestitos de terça-feira gorda, porém completamente prejudiciais aos olhos das pessoas que vão aos teatros... Aos olhos e ao resto...



Entrada principal da Feira Internacional de Amostras, uma das curiosidades deste ano, pelo seu estilo futurista

A FEIRA INTERNACIONAL DE AMOSTRAS DO RIO DE JANEIRO

O comparecimento dos nossos industriais e comerciantes à Feira Internacional de Amostras, ora instalada nos terrenos da antiga Exposição do Centenário, na fase em que o País atravessa uma crise sem precedentes, é, sem dúvida, uma demonstração cabal da pujança e da vitalidade do comércio e indústria brasileiros.

Atendendo ao apelo da comissão organizadora desse grande certame, comissão que é orientada e presidida pela alta capacidade e pelo espírito empreendedor e de larga visão do Dr. Adolpho Bergamini, prefeito-interventor do Distrito Federal, os nossos



Dr. Adolpho Bergamini, Interventor do Distrito Federal, a quem tanto deve o Rio de Janeiro pela beleza da Feira de Amostras deste ano.

industriais e comerciantes, sem medir sacrifícios, trataram desde logo de prestar sua valiosa colaboração ao grande empreendimento, instalando no recinto da Exposição os seus magníficos "stands". Assim é que toda a pujança e toda a grandeza da indústria brasileira; toda a poliforme e magestosa grandiosidade do comércio indígena, estão condignamente representados nas dezenas e dezenas dos "stands" que embelezam os pavilhões da Feira de Amostras deste ano, numa demonstração incontestável das forças vitais da Nação, confiante e orgulhosa da sua indústria e comércio.

Variações sobre Carlito

Carlito é a tragédia da inadaptação. Na vida ele está sempre fora do lugar. Não tem lugar ou, se tem, não o encontra. Vive em falso. Onde procura prazer há travar. Tudo lhe é sal às avessas, seja bem seja mau sempre errado. Quando os outros acham que ele acerta, positivamente errou. Entre ele e os "outros", um abismo. Ele, fraco, pequenino, miserável, ridículo. Os "outros" poderosos, fortes, ricos. A contradição o humilha. Carlito fica subjugado e admira os "outros", respeita-os inutilmente. No fim, o irremediável pontapé. Quem são os "outros"? dois símbolos — o polícia e o homem forçado. Carlito os saudava com a cartolinha, mas nunca é visto. Leva sempre na cabeça. Sofre, mas vai embora, meio triste e meio indiferente, pés espatifados, pela vida afóra.

Vagabundo e melancólico, Carlito quer ser alegre, deseja a felicidade. Não sabe bem que coisas são essas, devem ser aquela menina loura que o fascina, mas nunca possuirá. No fim da fita, logrado sempre. Continua, mas continua cada vez mais infeliz. A vida, só seria boa se não houvesse o polícia. Mas as cidades são policiadas e têm também outros inconvenientes — os boxeurs, os homens fortes, os donos de circo, todos os que mandam... Horrível a contingência. Depois, outra coisa mal feita é terem os homens estomago. Maldito e exigente órgão, que não tem piedade e nunca sabe quando está no vagabundo ou no milionário. Carlito não pode vencer. A sua inteligência tem golpes certos, de esperteza e vitórias passageiras. Mas, no fim, tudo errado e seria preciso passar a limpo. Impossível e fica errado mesmo.

Carlito não se corrige. Tambeira para que? Ele possui, nos grandes sapatos, na cartolinha, na bengala e no bigode, uma coisa excepcional e rara, que conserva inalterável — a personalidade. Consigo mesmo está certo — é bom, docil, servicial e até heróico. Mas há uma coisa que, ou ele ou o mundo, não sabe — é adaptar o seu sentimento à realidade. Fica sempre inadequado, grotesco, desigual. Não há meio de ser levado a sério.

Por que Carlito é engraçado? Ele não é palhaço e nem faz coisas para rir. No entanto a gente ri desabadamente, mas ri sempre ou da sua tortura ou da maneira pela qual ele toma a existência, confundindo as coisas. Rimos da sua dor ou da sua aflição. A queda dos outros é sempre muito engraçada e a nossa incomoda. Como Carlito não tem malleia — ele é a ingenuidade mesma — não vê nunca o perigo, nem mesmo olha para si. A sua dignidade pessoal é intangível, esteje rôto e esfarrapado, corrido, preso, humilhado. Está a ca-



da passo inventando novos meios de vencer, de que sairão disparates irremediáveis. Mas confia e tem memória fraca para a desgraça. Sobretudo confia em si ilimitadamente, por isso, fica ridículo, bôbo, imbecil.

Essa mulherzinha loira, ele não a conseguirá nunca. Pôde ir ao sacrifício e chegar aos extremos, como em *Luzes da Cidade*, para fazer seus olhos enxergarem de novo. Quando ela o vir, oh desilusão! ele morderá o freio da sua mesquinhex e essa hora ansiosa fora melhor não ter vivido. Sempre a tragédia. Não o levam a sério. Tristeza.

A genialidade de Charles Chaplin nos deu, na figura de Carlito, uma soma formidável de desencontros, fez uma obra profunda de pessimismo e provou o dito sinistro de Schopenhauer — só o mal existe. Porque Carlito, que é bom, fundamentalmente bom, é sempre o vencido e o ridículo. Os dois planos, do trágico e do cômico, se interceptam para fazer o ângulo da vida. Não se sabe bem onde a maior dor, se num ou se noutro. Por certo no desequilíbrio e as coisas desequilibradas são sempre perigosas e engraçadas. O romance de Carlito é uma perpetua história banal e realista, sem fantasia, quase sem enredo. As figuras por igual, sem relevo. Só as situações têm significado e marcam o atropelo e o desencontro das coisas. A justiça injusta, a verdade precária, a dedicação incompreendida e assim por diante. Mas isso não é fruto de rebeldia, como fizeram os românticos, é a lei da vida, a insuficiência humana.

Carlito, porém, não se deixa vencer. Recomeça invariavelmente. As topadas da vespera não o convencem de que há novas pedras na estrada, nem ele baixa o olhar para a terra. Lá se vai, cabeça erguida, rodepiando a bengalinha nos dedos, caminho afôra. Zás! novo tropeço, nova queda. Gargalhada de todos. Levanta-se, desculpa-se com a pedra e segue. Só o pavor o atormenta. Se, numa esquina, espia a catadura má de um guarda, agarra na cabeça a cartolinha e dispara espavorido. No começo era o temor... É verdade que Carlito não é um santo. Faz das suas. Quando se tornou vidraceiro, tinha um garoto para jogar pedras nas janelas alheias e arranjar trabalho. Mas essas coisas ele aprendeu e curioso é que a vida, que lhe ensinou, o castiga. E, no entanto, fazia isso para o bem, para manter esse guri, que lhe caiu nas mãos, nem ele mesmo sabe por que, mas que lhe tomaram, quando mais bem lhe queria. Sempre desentendido, sempre inadaptado.

Tão triste a história de Carlito... Mais triste ainda é rirem dele. Que culpa tem de não acertar? Vontade tem, constância não lhe falta, mas é sem sorte. Que é a sorte? É a inimiga de Carlito e a dona da vida. Os dois não se entendem de modo algum.

Que importa? Carlito continua na estrada, indiferente a tudo, digno, bom e displicente. Só ele não sabe dessa intimidade e acredita na sua sedução. Como os homens fludidos são engraçados e como são funebres os desiludidos...

— Vamos, Carlito, continue, que você nos faz aprender muito à sua custa e já tanta gente tem gosado a sua tra-

RENATO ALMEIDA

gedia, que não é demais que dela nos riamos, o leitor e eu... Continue, Carlito, você é tão engraçado!

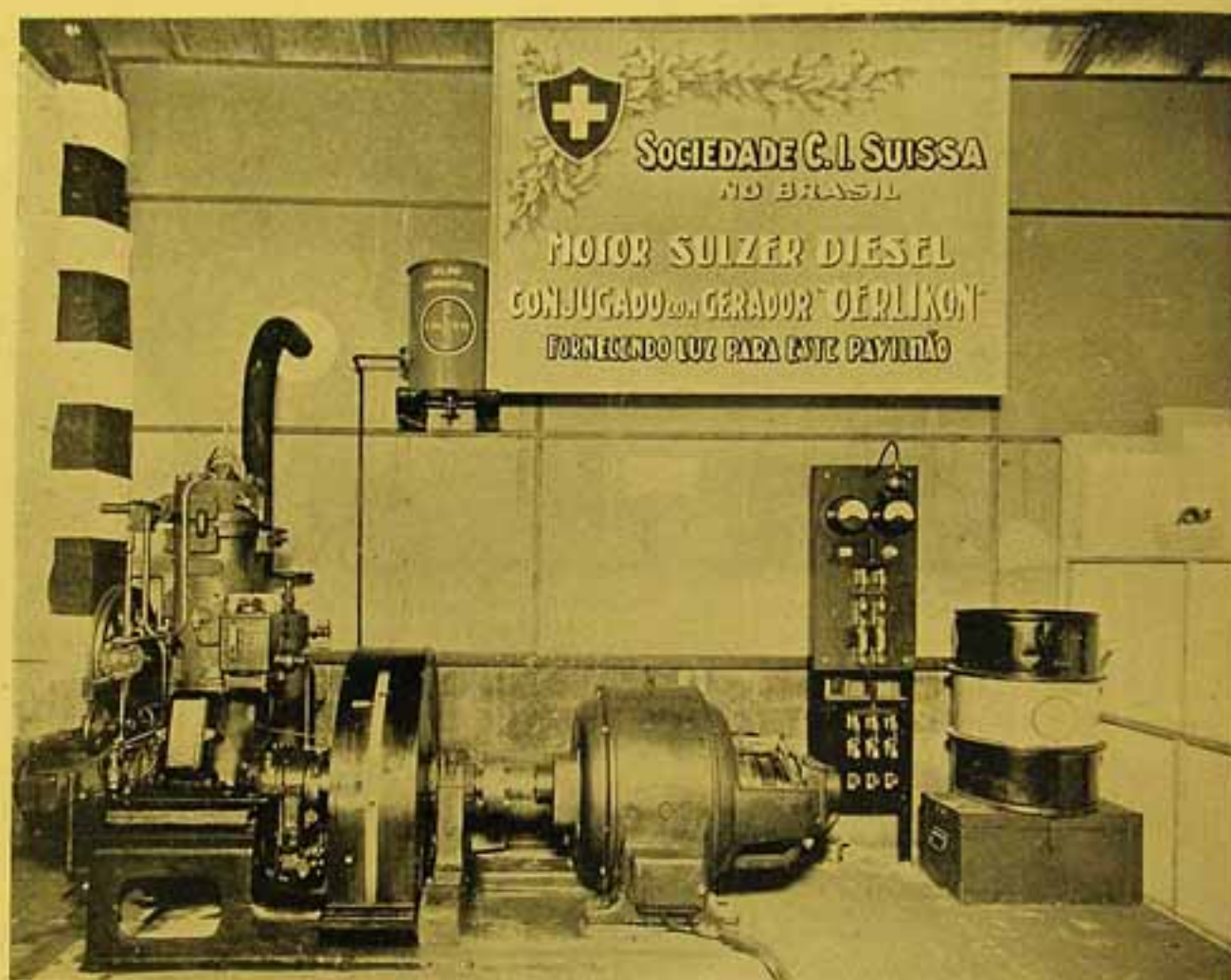




PAVILHÃO NA FE

SOCIÉDADE COMMERCIAL NO

RIO DE JANEIRO - Rua S. P. ENGENHEIROS - CONSTR



UNICOS REPRESENTANTES DAS FABRICAS:

AESCHBACH — AHLBORN — AMMANN — AUTOFRIGOR — BAER — BROWN BOVERI — BUEHLER
— DUBIED — ESCHER WYSS — GRAF — HELLESEN — KERN — KOCH "UTO" — LANDIS & GYR —
OERLIKON — RIETER — Von ROLL — RUETI — SAURER — SCHWEITER — SCINTILLA —
STAEUBLI — SULZER — "SLM" Winterthur — TRUEB TAUBER — WEGMANN WEIDMANN
— SWENSKA — BALTIC

ESPECIALIDADES:

Instalações: frigoríficas, hydro-elect., Confeitarias e Padarias, Lacticínios, Matadouros, Moinhos, Sorveterias, Fabricas de chocolate, Papel, Textis, Apparelhos electricos, Pilhas secas, Machinas; Estradas de rodagem, Britadores, Motores a Gaz, a Oleo cru, Diesel terrestres e maritimos, Auto-caminhões Diesel e a gasolina, Bombas centrifugas, Ralos, registros, Caldeiras electricas e a vapor, Compressores de ar, Correias de couro, Locomotivas electricas, Diesel-electricas e a vapor, Turbinas hydraulicas e a vapor.

RA DE AMOSTRAS

A
E INDUSTRIAL
RASIL

S U I S S A



dro, 14 - CAIXA POSTAL, 1775

CTORES - IMPORTADORES



BRITADORES DE PEDRA



BOMBAS CENTRIFUGAS



TEARES AUTOMATICOS

APPARELHOS "KERN"
PARA
DESENHO E ENGENHARIA

ARTIGOS PARA
LACTICINIOS

AMASSADEIRAS
E
BATEDEIRAS
PARA
PADARIAS
E
CONFEITARIAS

VASILHAMES
PARA
LEITE
E PARA CREME



AUTO-CAMINHÕES SAURER-DIESEL PARA QUALQUER TONELAGEM

DIVERSOS
PARA
INDUSTRIAS TEXTIS

MEDIDORES
DE ELECTRICIDADE

TRANSFORMADORES

FIOS E CABOS
ELECTRICOS

REFLECTORES
"HELLESENS"

FERROS
DE ENGOMMAR

F I L I A E S

RECIFE - SÃO PAULO - PORTO ALEGRE

Av. Rio Branco, 152
CAIXA 388

R. Florencio de Abreu, 164
CAIXA 763

Praça Montevideo, 65
CAIXA 137

ENDEREÇO TELEGRAPHICO **"HIG"**

Casimiras nacionais que são uma verdadeira maravilha

Em uma das visitas que fizemos à Feira de Amostras, não nos pudemos furtar ao prazer de nos determos, em agradável contemplação, ante um dos mostruários que ali se exibem, o qual prendeu sobremaneira a nossa atenção pelo belo conjunto que apresenta.

Trata-se do mostruário da Companhia de Tecidos Bom Pastor, que fabrica excelentes casimiras, flanelas e outros tecidos similares. É tamanha quão agradável foi a nossa surpresa, que não pudemos conter o desejo de trocar algumas impressões com os diretores do estabelecimento que ali vimos, aos mesmos solicitando venia para reproduzir um aspecto do mostruário, no que gentilmente acederam.

Por tudo quanto vimos e examinamos, os tecidos são realmente de primorosa confecção e ótima qualidade, quer pela beleza de padrões e firmeza de coloridos, quer pela variedade imensa de sua produção.

Qualquer pessoa, mesmo os mais exigentes pôde vestir-se com as casimiras dessa fábrica, sem receio de desvantagem em relação às es-

trangeiras, em preço e qualidade, cooperando, assim, para o desenvolvimento da indústria brasileira, merecedora do mais legítimo e digno amparo de seus consumidores.

A simples observação do mos-

truírio, cuja fotografia ora estampamos, é bem a prova disso. Mas, para melhor confirmação aconselhamos que procurem todos examinar os produtos que se encontram expostos na Feira de Amostras.



PARA TODOS...



OS CHAPEUS DA FABRICA
— JULIO LIMA & C.^{IA} —
Na Feira de Amostras

Fabrica:
Rua de S. Christovão, 353

Escriptorio:
Rua de S. Bento, 15

PRODUCTOS DO Laboratorio SIAN

CAIXA POSTAL
2147



STAND NA FEIRA

DE AMOSTRAS

PARA TODOS...

Stand da Fabrica de aparelhos Filtrantes

FIEL E SENUN



Algumas palavras sobre Velas Filtrantes SENUN

É indiscutível o benefício de um filtro, dentro do lar, onde as impurezas da água se revelam no lodo que se acumula nas caixas de uso doméstico.

Hoje que temos ao nosso alcance velas filtrantes, de um funcionamento inalterável, velas que se adaptam a todos os aparelhos de qualquer marca ou procedência, não deve ser descurada a purificação da água potável, origem de grandes doenças.

A vela Senun é de uma primorosa confecção técnica obedecendo a sua porosidade a um controle seguro de eficiência maior ou menor, segundo as exigências do seu uso.

É um producto que honra a nossa industria e merece, pela sua perfeição, a preferencia publica.

A' venda na importante casa **F. R. MOREIRA & CIA.**
Av. Rio Branco 109 e demais casas de primeira ordem

O SURTO PROGRESSIVO DA INDUSTRIA BRASILEIRA

A PRIMASIA DOS PRODUTOS
DA

Companhia America Fabril

TODOS OS SEUS TECIDOS ENCANTAM PELO GOSTO
E DESLUMBRAM PELA QUALIDADE



O MOSTRUARIO DA COMPANHIA AMERICA FABRIL NA FEIRA DE AMOSTRAS, ATESTA A SUPREMACIA DOS PRODUTOS DE SUA FABRICAÇÃO.



"Stand de A. P. Kastrup & Cia., a casa que maior variedade tem de artigos de iluminação eléctrica.

RUA CARIOCA, 15

TELEPH. 2-8410



"Stand" do Instituto Orthopedico Barboza Vianna, na Feira de Anistrias. Ao fundo do armário vêm-se os membros artificiaes até hoje fabricados, pesando alguns 5 kilos e os de aluminio estampado, patente do Instituto, fortes, resistentes e baratos, pois custam apenas 500\$000, e pesam 1 kilo e meio.

STAND

de Pereira Carneiro
& Cia. Ltd.

(COMPANHIA COMMERCIO E NAVEGAÇÃO)

O MAIS PURO
DO PAIZ, SEM
EGUAL PARA
SALGAR AS
CARNES E OS
PESCADOS.
EXCELLENTE
PARA A ALI-
MENTAÇÃO DO
GADO E XAR-
QUEADAS.
TYPUS ESPE-
CIAES PARA
COZINHA E
MESA.



"Stand" da Pirelli S. A. Cia. Nac. de Conductores Electricos e da Cia. Brasileira de Pneumaticos Pirelli.



Trovadora...

Desenho de
Tamara Lempicka

VIVER pela INTELIGENCIA

Viver pela intelligencia é ter aspirado com força o sopro de Deus. A intelligencia permanece alerta diante dos misterios da vida, é instrumento de conquista, penetração, sinal de poder.

Póde aquêlê que sabe querer e só quem sabe querer é intelligente.

Viver pela intelligencia é viver num mundo iluminado, esclarecido. As coisas e as creaturas, tudo traz um letreiro para o homem intelligente.

Viver pela intelligencia é fazer da duvida o caminho para a certeza. E' substituir um ideal vencido por um ideal maior. E' possuir a arma que decide todas as lutas e a balança que pesa todas as coisas.

Viver pela intelligencia é viver no deslumbramento. E' dar vida a tudo que nos cerca, sentir a energia de todos os elementos. E' compreender a linguagem universal e dominar a realidade.

Viver pela intelligencia é saber sentir a vida!

VIVER pela intelligencia é seguir espontaneamente a diretriz de sua vida. E' dominar o destino e desdenhar a pesada herança de influencias seculares.

A liberdade é sua flamula.

Viver pela intelligencia é saber nossas emoções e dar-lhes vida eterna! O selo da arte é a marca da eternidade.

Viver pela intelligencia é viver vida propria, intrinseca. E' ser força que move e não mecanismo que obedece.

RACHEL CROTMAN

**CIRURGIA ESTÉTICA**

— Eu queria fazer um tratamento de beleza. Que me aconselha cortar?

— A cabeça.



— *Aí está o que eu ganhei em casar com a filha de um negociante por atacado!*

Moacyr
Este sujeito é um grande filósofo!

Lisette
Um grande filósofo que fugiu do hospital de doidos. (As vozes aumentam lá dentro, e a orquestra toca a marcha que tem este estribilho:)

“Brasil, terra querida!
Partindo resolutos para
[a guerra,
Todo o ardor que o nos-
[so peito encerra,
E’ teu, só teu, Brasil
[amado!”

O homem
(Canta o estribilho de pé)

Coronel
(Anima-se)

Moacyr
(Continua fixando a fumaça do cigarro que baila no ar)

Lisette
(Olha-o e depois anima-se também)

CENA XIV

Os mesmos e os FIGURANTES

(Entra na sala um grupo com lenços e toalhas de mesas, cantando o estribilho, em desfile. Todos olham e saem, ficando só o Moacyr e o Homem.)

CENA XV

MOACYR E O HOMEM QUE FALA SÓZINHO

(A melodia da canção perde-se à distância, e o cabaret fica em silêncio. Numa mesa Moacyr, noutra o Homem)

Moacyr
O sr. será capaz de me dar uma explicação?

O homem
Possivelmente duas...

Moacyr
Acha o sr. que eu sou um rapaz desinteressante? Não se irradia de mim um pouco de simpatia?

O homem
Respondo-lhe com franqueza, com sinceridade: se eu fosse mulher, o sr. seria o meu amante...

Moacyr
Muito obrigado...

O homem
A mulher de vida confortável revela a sua inteligência, não pelas coisas que diz, mas pelo amante que possui e mantém...

Moacyr

VAMOS para

Como o sr. explica então este mistério: essa mulher que saiu d'aqui agora é bonita, o sr. não acha?

O homem
Muito!

Moacyr
Se o sr. também acha que eu sou interessante, por que ela não me brinda com a sua amizade, ou melhor, com o seu amor? Eu não mereço por acaso o amor dessa mulher?

O homem
Justamente por merecer é que o sr. não o consegue...

Moacyr
Justamente por não merecer?

O homem
Justamente... Porque não ha infelizmente mérito algum em fazer a conquista de uma mulher de grande estilo. Repare nas mulheres assim que ha por ali, nos salões: cada mulher assim, cada mulher de grande estilo, anda com um homem banal, sem importancia... Sabe por que?

Moacyr
Tenho vontade de saber...

O homem
Porque a mulher não gosta de acompanhar, de ser um complemento... A mulher gosta que a acompanhem... Por culpa dos homens, sabe?

Moacyr
Dos homens?

O homem
Porque o homem sempre apregoa que é o rei dos animais. Mas como de fato o rei dos animais é a mulher, ela vinga-se do homem, abusando do poder da sua beleza, para fazer do homem seu pagem predileto e amavel... Não fique triste por ter sido desprezado... E' a prova de que o sr. é um homem um pouco diferente dos outros. O sr. tem uma personalidade propria, que afuscaria a personalidade da mulher que o acompanhasse...

Moacyr
Talvez o sr. tenha razão: mas a maior de todas as infelidades é esta. Eu preferia mil vezes, ser...

O homem
Já sei: um homem mediocre...

Moacyr
Isso: um homem mediocre...

O homem
Porque é dêles o reino dos céus... (Levanta-se para sair) Boa noite!

Moacyr
Boa noite! (O homem sai. Moacyr acende outro cigarro e

olha numa grande melancolia para a mesa onde estava Lisette ha pouco. Aproxima-se da mesa, senta-se na cadeira onde ela se sentara e pega no mesmo copo carinhosamente, e carinhosamente bebe o Champagne que restou no copo e o VELARIO se fecha.)

TERCEIRO QUADRO

(De novo no apartamento de Lisette, à tarde do dia seguinte)

CENA XVI

LISETTE e a CRIADA
(Lisette está vestindo um pijama bizarro, quando a criada entra)

Criada
A senhora chamou?
Lisette
E' para você trazer daqui a pouco um chá.

Criada
Chá para um?

Lisette
Chá para dois...

Criada
Muito bem... Novidades, dona Lisette?

Lisette
Talvez... Uma pequena distração...

Criada
Ele?

Lisette
O do telefone... Insistiu tanto em querer falar comigo, que eu o convidei para um chá...

Criada
Eu bem que lhe dizia, dona Lisette... Quem espera sempre alcança... E ele — coitadinho — tem esperado tanto...

Lisette
Você começa a levar a coisa para outro terreno... Não é disso que se trata. Eu convidei-o para me distrair um pouco. Os homens, quando principiam a declarar-se, são interessantíssimos... Dizem coisas boas, ficam tão ridículos... E depois ainda dizem — mas que convencidos! — que a mulher não passa de um simples complemento do homem... (O telefone toca) Veja quem é... Se for ele, mande subir.

Criada
Alô! Sim, senhor. E' do apartamento de Mme. Lisette.

Ah! é o Dr. Moacyr? Pôde subir, dr. que Mme. Lisette está ansiosa a sua espera... (Desliga)

Lisette
Que é isso, menina? Que confiança é essa? Esse rapaz pode enlouquecer...

O AMOR

P E Ç A

E M

7 QUADROS

D E

**IBIRASIL
GERSON**

Criada

A sra. está querendo, dona Lisette... Eu bem sei...

Lisette

Vá! Desapareça! (A criada sai)

CENA XVII

LISETTE e MOACYR

(Ouvem-se ligeiras pancadas na porta)

Lisette

Pode entrar...

Moacyr

(Entrando) Boa tarde! Como está?

Lisette

Muito bem... E você?

Moacyr

Como você...

Lisette

Sente-se... Deixe ver o seu chapéu... (Coloca o chapéu num lugar qualquer) Então, que ha de novo?

Moacyr

Por enquanto, é a sua gentileza...

Lisette

Quer tomar um chá comigo?

Moacyr

Pois naturalmente, e com muito prazer...

Criada

(Chegando com o chá) Com licença! Chá para dois!

Moacyr

(A Lisette) E' a sua camareira?

Lisette

Ha mais de um ano. Muito simpática, não acha? Mas é também um pouco atrevida...

Criada

Oh! dona Lisette... Eu disse apenas ao dr. Moacyr que a sra. o esperava ansiosamente... Não é verdade? Sou atrevida, dr. Moacyr?

Moacyr

Indiscreta... indiscretíssima...

Criada

Está tudo bem, dona Lisette? Está como a sra. me recomendou: está carinhoso, o chá?

Lisette

Viu você que atrevida? Desapareça...

Criada

Com licença... (Com malícia) Dona Lisette, fecho a porta do apartamento?

Lisette

Não é preciso fechar. O dr. Moacyr é de cerimonia...

Moacyr

Por mim, pode fechar, Lisette...

Lisette

Mas que malandro o senhor está-me saindo, hein? Já quer fechar a porta... (A criada) Deixe-a aberta... Tenho muito medo de certos homens fatais... (A criada sai)

Moacyr

Não me maltrate assim, Lisette... Principalmente diante da criada...

Lisette

E se você estivesse sozinho?

Moacyr

Seria outra coisa...

Lisette

(Servindo o chá) Muito assucar? (Finge apenas que bota assucar)

Moacyr

Assim está bem...

Lisette

Um bricche?

Moacyr

Oh, muito obrigado... (Beba um gole de chá e vê que está azedo)

Lisette

Está bom? Acertei com o assucar?

Moacyr

(Bebendo outro gole) Admiravelmente!

Lisette

Diga-me agora uma porção de coisas bonitas... Assim como aquelas coisas que você, só você, sabe escrever...

Moacyr

(Pegando outra vez na chávena e com as mãos trêmulas) Diante de você, que é tão bonita, que coisas bonitas poderei dizer?

Lisette

Como estão trêmulas as suas mãos! Se a sua emoção fosse sincera, como eu seria feliz...

Moacyr

(Olhando de proposito através de uma janela) Que tarde maravilhosa a de hoje! Como o seu céu está lindo! Gosta muito de S. Paulo, Lisette?

Lisette

De S. Paulo e de certos paulistas...

Moacyr

São homens muito trabalhadores, os paulistas. Em S. Paulo constroem-se muitas casas. Dizem que é a primeira cidade do mundo na construção de casas.

Lisette

Sabe quantas?

Moacyr

Creio que uma por hora e, portanto, 24 por dia. Ao todo, num ano, são... são... deixe-me fazer as contas... são 2.760...

Lisette

Como você faz bem as contas! Mas deixe de lado as contas, os números. Fale um pouco da vida. A vida é tão gostosa...

Moacyr

E você por que não fala, Lisette? Para mim, você foi sempre um misterio. Você limita-se a sorrir e a dizer: "amanhã... amanhã..." Você é como aqueles cartazes que a gente vê nas casas de comércio de arrabalde: "Hoje não se vende fiado. Amanhã, sim"...

Lisette

Lembra-se ainda como foi que nos conhecemos?

Moacyr

Destas coisas a gente nunca mais esquece...

Lisette

Aqui no hotel diziam que eu era a mulher feita de uma interrogação...

Moacyr

Um dia, finalmente, você viu que a única preocupação da minha vida era você... Eu estava lendo um livro de Chateaubriand, e você fixou primeiro os seus olhos no livro. Então eu tive coragem de perguntar-lhe: "Interessa-se por este livro?" — Você respondeu: "Não. Muito obrigada..." E nunca mais tocámos no episódio do livro... Que havia nêle de curioso para você?

Lisette

Havia a história dos frades trapistas.

Moacyr

Mas que tem você com os frades trapistas?

Lisette

Muita coisa...

Moacyr

De verdade?

Lisette

De verdade... Conte-me: como vivem os trapistas?

Moacyr

Dêles eu só poderia dizer que constituem a Legião Estrangeira da Igreja. São condenados voluntários, por causa de alguém, aos trabalhos forçados longe da vida...

Lisette

E' verdade que, quando um trapista se encontra com outro, diz-lhe, como num "refrain": "Irmão, é preciso morrer"?

Moacyr

Chateaubriand escreveu isso, mas eu acho que não é verdade. Mas por que se interessa tanto pelos trapistas?

Lisette

Porque o meu irmão, depois da guerra, foi ser trapista. Era capitão de cavalaria, aos 24 anos, por atos de bravura, perto de Verdun.

(Continúa no proximo número).



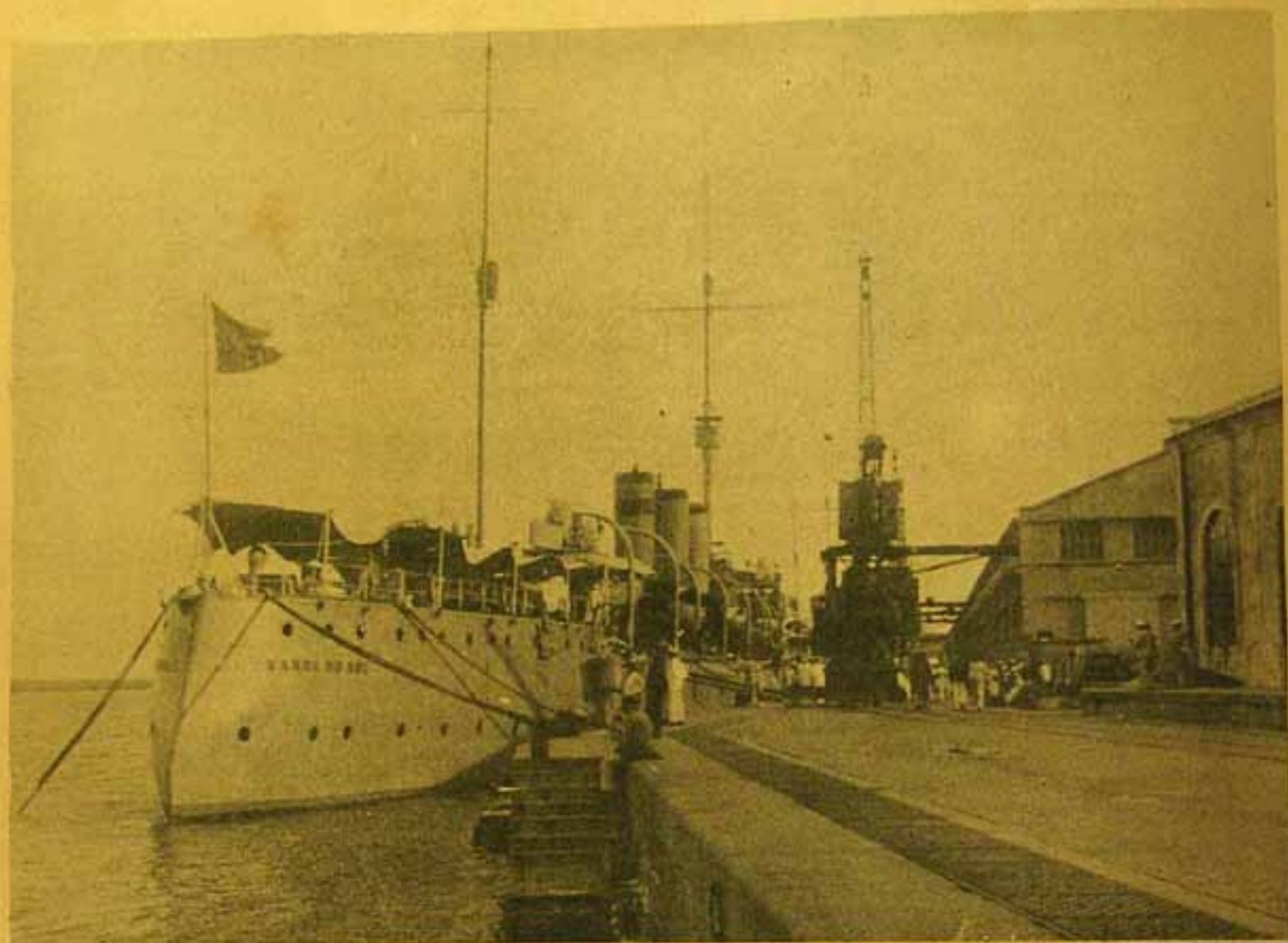
— Oh! papai! Você beijou a criada!

— Vai ver onde estão os meus óculos. Pensei que era a tua mãe.



O AMOR DO PROXIMO

— Maria, traga o meu vestido de "lamé", os meus sapatos de setim, as minhas pélas. Vou visitar os meus pobres.



PERNAMBUCO

Trecho do Porto de Recife

Manhã de S. João...

RESTOS de fogueira...
Toda a noite o batuque
do samba encheu o po-
voador... Os busca-pés estou-
raram... Os violões e as vo-
zes enterneceram corações...
Vestidos novos, fitas nos ca-
belos, cheiro nos lenços, pó de
arroz nos rostos, esperanças
nas cabeças... Sortes, adivi-
nhações, banho no rio... Ago-
ra, amanheceu... A fogueira
se extingue. Cinzas, can-
tos de galos, o so-
no... E os
sonhos...

MARIO

SETTE





Mariuccia Iacovino

violinista, prêmio de viagem de 1930, no Instituto Nacional de Música, aluna de Paulina d'Ambrosio, dá o seu recital, em 18 deste mês, às 9 horas da noite, no Teatro Municipal, na serie dos Concertos de Jovens Artistas, do Gremio Arcangelo Corelli. Vai ser um dos momentos mais inteligentes da estação de 1931, o recital de Mariuccia.



Yolanda de Vilhena Ferreira, aluna de Henrique Oswald, fez um concerto de piano, ontem, no Teatro Municipal.

Tito Schipa, primeiro tenor da Chicago Opera Company, pertence ao grupo de grandes artistas da Companhia Lírica que vem ao Rio, contratada pelo maestro Silvio Piergile.

M u s i c a

"Fausto" não era da Música, mas ficou sendo. O drama de Goethe já deu o "Fausto" de Gounod, a "Danação de Fausto" de Berlioz, o "Mefistofeles" de Boito, e outros menores. Agora, a nossa Filarmônica vai apresentar ao Rio a Sinfonia "Fausto" de Liszt. Um comunicado à imprensa diz: "A tragica história do homem que vendeu sua alma para reaver a perdida mocidade e experimentar todos os gozos da terra contém em seu simbolismo uma tão profunda humanidade que quasi todos os grandes músicos do seculo passado foram por ela tentados, e a començaram em obras magnificas. Entretanto, quem mais profundamente comprehendeu os caracteres expostos na obra do grande romantico alemão foi, sem dúbida, outro artista genial que veio ocupar na cidade Welmar o lugar da destaque e de projeção impar anteriormente mantido nã por Goethe: Franz Liszt. Ao grande amigo de Wagner, figura gigantesca na Europa musical do seculo que passou, devemos, talvez, a mais profunda e verdadeira de todas as concepções musicais inspiradas pelo "Fausto" de Goethe. Sem tentar descrever determinadas cenas ou episódios Liszt fixa, apenas, o caráter dos três personagens maximos do "Fausto": Fausto, Gretchen (Margarida) e Mefistofeles".



A Companhia Lírica que vem para o Municipal traz um quadro italiano e outro francês em que figuram celebridades como Schipa, Lily Pons, Josephina Cobelli, Ninon Vallin, Georges Thill e Carlos Galeffi. Os espectáculos serão em número de 7, em assinatura, dos quais o primeiro será um concerto "Tito Schipa".

Casa mentos



Em baixo: Lygia Porto da Motta com Luiz Adriano Xavier Braga. Os noivos e sua cõrte: Lina Fontes, Irany Motta, Luiza Motta, Yvonne Teixeira, Sinal Motta, Nereida Torres, Julicla Grillo, Idalina Corrêa, Durvalina Lopes, Talita Campos, Justa Motta, Adelina Grillo, Reynaldo Figueira, E. N. Faria, Emilio Alcoforado, Antonio Bessa, A. Bessa, G. Coelho, Honório Marques, J. Grillo, Jayme Baptista, A. Lopes, J. Baltar e Antonio Rodrigues.

Em cima, à esquerda: Irene Braga com Manoel Ribeiro de Oliveira, no Rio.

A' direita: Edith Gomes com Antonio Paulo Soares Pires, em Niterói.



Os três purísimos poemas

HISTÓRIA INGENUA

Lá fóra havia flores, luzes, belezas e as maravilhas todas que Deus pôs no mundo grande.

Mas o beija-flor se perdeu no mundo grande e entrou no meu quarto triste. Entrou, num exagero de cores, estonteado.

Esvoaçou muito contra o tecto e caiu depois, exêusto.

Tomei-o nas mãos, carinhosamente, religiosamente, como se tivesse entre os dedos o meu amor ou a minha felicidade.

Matei-lhe a sede, acariciei-o, beijei-lhe as peninhas finas e coloridas.

Depois, porque eu não tinha direito de prendê-lo, abri a mão, deixando que ele se fosse quando quisesse, mas com uma vontade

grande e uma esperança enorme de que ele ficasse, para povoar a minha solidão.

Voou...

Já houve uma mulher assim na minha vida...

...

HISTÓRIA QUASI TRISTE

Era noite de São João e havia a festa ruidosa das fogueiras e dos balões.

Fogueiras na terra, fogueiras no céu. No céu, fogueiras de estrelas e balões. Na terra, de alegrias e olhares quentes.

E a ceguinha tinha se contagiado da alegria dos outros. Preparara, ela também, com suas mãos, um grande balão de cores vivas (por que essas cores tão fortes, ceguinha? Você não percebe as cores pelo tato não? O vermelho deve ser quente, o preto gelado e o azul suavemente morno; não é não?).

Por que teria a ceguinha o capricho de que fosse eu que lhe soltasse o balão?

A princípio ele subiu bem, depois, a uma viração mais forte, foi devorado pelo seu próprio fogo.

E como a ceguinha me perguntasse, ansiosa, se ele estava muito alto, eu lhe respondi:

— "Sim. Vai tão alto... parece uma estrela... É o mais lindo dos balões que estão no céu, menina".

E o seu sorriso de alegria foi uma dor fina, para mim.

...

HISTÓRIA DA DOR QUE VEM COMIGO

Eu vinha pelos caminhos e a Dor vinha comigo, como uma sombra ou como um remorso.

Eu me desviava bruscamente da estrada, me perdia no meio das multidões e no corpo das mulheres, mas nunca pude me furtar à Dor. Me deram amor, me deram alegria, e a Dor estava sempre no fundo dos cálices.

E por mais festivos ou mais tortuosos que os caminhos fossem, a Dor nunca me abandonou.

E eu maldizia a Dor.

Depois eu virei para dentro de mim, e entre as belezas e as podridões, vi a Dor lá também.

E ela era tão pura e era tão minha que eu comeci a lhe querer bem.

E eu vou com ela, sem sofrimento, pelos caminhos. E ela me recita poemas, pela vida afóra, e nem sempre são tristes, estes poemas.

Ela é tão suave, meiga, carinhosa...

Eu bendigo a Dor.

NEWTON B B A G A



Um pijama bonito no corpo de Claudia Dell

de Elegância



nitos, geitosos, completando bem um vestido que afina a silhueta, sem, no entanto, tirar-lhe os contornos. Branco, para um vestido marinho, preto, vermelho. O branco está como guarnição chique nas "toilettes" de todas as tonalidades, inclusive "marrom". O "canotier" também é gracioso. E mais fácil de ir em qualquer fisionomia.

Leitoras,
Principiei esta crônica num dia chuvoso, mas no propósito de não falar no que usamos quando a temperatura desce. Quando a chuva demora, quando o céu está carrancudo, só se tem vontade de ver o sol, que, por sua vez, desanima quando o calor é intenso. Mesmo não nos sentimos tão contentes nos dias brumosos. Ha qualquer coisa de melancolia espalhada por tudo, o que nos torna entristecidos também...



NOS últimos dias de Agosto tivemos oportunidade de apreciar bonitas silhuetas de inverno. Na cidade, no Jockey, nos teatros as elegancias do tempo do frio. Mal desponta o sol, porém, a gente tem logo vontade de atirar para o fundo do guarda roupa todos os agasalhos, e vestir-se de branco, de azul, de rosa ou de estamparia para estar mais de acordo com o céu, com o sol, com a alegria toda da natureza. Fartamo-nos depressa de ver os "tricornes" com que as mulheres ainda mal se agitam, tamanho o sucesso da boina colocada displicentemente, e dos pequenos chapéus que mais pareciam cuias mal cobrindo os cabelos da moleira à nuca. Os chapéus estão, no momento, revolucionando o comércio e a freguesia. O "tricorne" é gracioso quando sem exagero, porque, pequenissimo, bico virado entre as sobrancelhas, ele não pode completar graciosamente um vestido trinta centímetros acima do chão, nem — ao que me parece — dispensa a anquinha sob a larga saia franzida rastejando pelo chão. Mas ha "tricornes" bo-



O sol, minhas amigas, é uma coisa ansiosamente desejada nesses tempos de "fog" carioca.

Dizem os entendidos que a americano do parisiense e a americana do norte — uma e outra quase rivais em lançar a moda universal — estão enfadadas da dança, apesar dos esforços dos "dancings" em lançar a "rumba" e "La nova", uma delas sancionada pelo elegantissimo príncipe de

Voltando, porém, ao fastio da dança, passo ao prurido pela natação. As moças de outras terras já andam fartas também de parar, ape-

nas, à beira da praia, de "flirtar" quando tomam banhos de sol. Querem novas sensações. E descobriram que, nadar é bom para a saúde, para a elegância do corpo, e que o namoro não sofre prejuízo algum, mesmo quando a água des-



Galles. "La nova" que substituiu a valsa que, no inverno europeu do ano passado, fez esplendida "rentree". "La nova" forma-se de "glissades souples" e volteios harmoniosos. Ao que dizem notícias lá de fóra, é dança perfeitamente de acôrdo com a silhueta moderna.

Isso, minhas queridas leitoras, num tempo em que os pijamas de praia são admiráveis, de um modernismo rigoroso, enquanto os vestidos de rua ou de baile e, principalmente, os chapéus estão no firme propósito de nos levar à posteridade figura perfeitamente parecida com a da nossa bisavó, que, de um quadro pendurado à parede da sala de visitas, espiou as nossas saias acima dos joelhos, os nossos "maillots" tão mal recebidos pela policia do sr. Luardo, as nossas cabeleiras arrepiadas como as das nossas bonecas — jogadas entre "bibelots" exóticos, livros, bombons — as nossas maneiras desavultadas, o *argot* que é um prazer soltar entre um "cocktail" e um cigarro, e espia, hoje, o esforço com que lhe queremos copiar as modas, sem, no entanto, chegarmos à perfeição de imitar-lhe os modos.

bota um pouco o "rouge" e racha a camada de "baton".

Ficar na praia, só pela areia, é cacete. Dentro da água, às braçadas para vencer as ondas, divertidíssimo. Os professores de natação estão aí, a postos...

Assim, esta página estampa figuras interessantes e adequadas n'essa folguedosa.

De sombrinha embaixo do braço e grande chapéu "rélevé" está uma que cultiva o moreno pelos raios do sol, e elegante num ensemble de calças de tussor com estamparia original, casaco de ve-

ludo preto forrado do pano estampado.

As calças de largas listras em cores — estilo afri-

cano — são um tanto extravagantes, mas recomendáveis a uma mulher moça e bonita. Outro pijama elegante, todo rosa e galões de fita preta, (Jersey). De costas, ainda um modelo exótico, porém gracioso. De perfil, um pijama composto de lenços de crepe da China "beige" com "pois" vermelhos.

Agora, porém, falemos das outras novidades.

"Miss Belgica 1931", num vestido de "organdi" estampado — rosa, malva e verde escuro sobre preto — recomenda luvas — mitaines — cuja rede de "filé" é guarnecida, nos vertices das malhas, de diamantes. Um vestido de "organdi" com bordados abertos e barra lisa, todo branco, chapéu branco e luvas pretas, foi *sensacional* num "cocktail" famoso; Normal Hartuell ideou um vestido de "souplesse créole", de setim rosa muito palido e estamparia rosa, Violeta e preto.

Para estes vestidos ou os trajes de praia: tecidos tintos por *Indanthren* — corante que resiste às lavagens e a ação do tempo.

Maria Sabina de Albuquerque disse, no Trianon, versos que encantaram a todos presentes ao recital da ilustre poetisa.

A Dorê — o cabeleireiro excelente e perfumista fino.

Meias — "Sally" — Casa Machado — Rua Gonçalves Dias.

SORCISRE



De tudo um pouco



EXPOSIÇÃO DE FLORES

Realizada em Paris e com o mais franco sucesso.

Aí fica uma idéia aproveitável entre nós que temos as mais lindas flores e as mais variadas. Se, na Europa, com os rigores do clima conseguem atrair quase toda gente a uma exposição de flores, e está — como informam os jornais — admirável, nós, aqui, estamos perfeitamente aparelhados a organizar uma exposição que será a maravilha das maravilhas.

As flores brasileiras, como as arvores, são de rara beleza. No norte do Brasil o aroma das flores é tão forte que nem se pôde conservá-las à noite, uma rosa, um bogari ou um jasmim no interior da casa. No Rio, o cheiro das flores é mais suave. E no sul, embora também lindíssimas, cheiram ainda menos, se bem que sejam ainda muito perfumadas.

Hortênsias, cravos, rosas, violetas, girassóis, margaridas, primavera, orquídeas, jasmim do cabo, e outras, todas as flores numa exposição, num largo recinto onde as podemos admirar artisticamente arrumadas.

É possível mesmo que o nosso mercado tire daí proveito para o arranjo das flores, embora vejamos, todos os dias, algumas vitrinas de casas de flores preparadas com bom gosto, como, por exemplo, as da Casa Flora — Gonçalves Dias e Ourvidor.



LIVROS NOVOS

"O meu dicionário de cousas da Amazonia", de Raymundo Moraes. A página 96 — letra C — Caboclo — L. G. — Vindo do mato. Originário da selva. Produto do estrangeiro invasor com o índio. O termo é afetuosamente empregado com ternura. Meu caboclo. Caboclo da gente. Aquê caboclo é pesado. Todos nós, da planície, nos orgulhamos de ser caboclos. — "Jornada Sentimental" — de Lys Darrin, onde se lê que: "Spleen". Não é bem tédio, nem é bem magua, é qualquer coisa sem razão.

LUZES DA CIDADE

CARLITO, o comico que todo o mundo admira, deu o título acima ao seu último "film" aqui exibido no mês de Julho findo, no qual o artista procura demonstrar o valor das "fitas" silenciosas nesta época de produções faladas e sincronizadas.

Este comentario, porém, é sugerido pelas luzes cá da cidade, cá do Rio, todos os inumeros focos que iluminam as nossas avenidas e ruas principais, e que, depois da meia noite até mesmo ao nascer da aurora, continuam firmes a deslumbrar pela profusão das lampadas.



desnecessarias depois daquela hora, maximé numa cidade sem vida noturna.

Nestes tempos de crise, de cortes nos vencimentos do funcionalismo civil, de dispensa mesmo de muitos; nestes tempos em que governo e governados se esforçam por gastar o estritamente necessario, seria bom que o illustre Interventor no Distrito Federal, madurasse um pouco na economia advinda da redução de focos electricos pela cidade — mui principalmente nas avenidas que beiram o mar depois de meia noite. S.

COMO AUMENTAR O PESO

Como aumentar o peso (continuação) Do livro "Alimentação e Saúde" — de McCollum e Simmonds — tradução do Dr. Arnaldo de Moraes.

O que é necessario fazer para se aumentar o peso —

"... um melhor estado nutritivo, o que significa mais gorduras em seus corpos, boa digestão e melhoria de forças; a facilidade de repousar suficientemente, de modo a que possam restabelecer-se dos efeitos da fadiga acumulada; e a reeducação de seus espiritos para que apredam a raciocinar

de modo claro e são. Isto melhorará a percepção que têm da vida, proporcionando aumento dos momentos de alegria."

"Para se aumentar o peso é necessario comer e assimilar mais alimento do que é requerido para energia ou trabalho, além de que esse alimento deve constar grande parte de variedades que proporcionem gorduras. As proprias gorduras ingeridas

para proporcionar gordura, servem admiravelmente para esse fim, assim como os amidos ou açucares que rapidamente são convertidos pelos tecidos em gorduras. Os alimentos proteinizados, por outro lado, não é com facilidade que se convertem em gordura, embora isto se opere até certo ponto. E' essa a razão pela qual as dietas organizadas para o emagrecimento geralmente contém grande quantidade de proteínas e pouca de gorduras, assucar ou amido."

(Continúa).



O VALOR DOS PAPEIS

Está demonstrando no belo efeito da gravura junto: sobre um papel pintado no estilo mourisco, uma prateleira quasi tónica sustentando pratos de metal. Em baixo canecas e outras vasilhas também de metal.

RUMBA

E' a dança da moda. Está Paris no empenho de a tornar universal. No ultimo congresso — a mania moderna — foram apreciadas por um público numeroso todas as danças antigas e modernas. Aplaudiram os passos que fizeram época no seculo 16, as pavanais, gavotas, os minuets. Depois, mazurkas, schottish, o "cancan", a polka, a valsa puladinha... por fim: tango, fox, blue, shimmy e a "rumba", que tem passos de tango, volteios de valsa, mesuras do minuzete, miscelanea a que, dizem os entendidos, não faltam graça, distincção e uma poeira de exotismo.

A unica coisa que o Congresso de Dança, em Paris, esqueceu de fornecer ao público foi o maxixe brasileiro...



GULODICES

Escolher ótimas maçãs, tirar-lhes o miolo bem ao centro, sem tocar o outro extremo da fruta. No buraco cuidadosamente aberto deitar um pouco de manteiga, assucar em pó e algumas gotas de agua de flor de laranjeira. Levá-las ao forno brando para que não escurçam exteriormente. Retirando-as depois devem ser arrumadas num prato que suporte o calor, cobri-las com clara de ovo no ponto de suspiro, polvilhar de assucar e novamente submetê-las ao forno até que o doce tome cor.

Um dia de festa para a mocidade do Colegio Militar

A posse do Marechal Esperidião Rosas



O Marechal Esperidião Rosas cercado de seus colegas, amigos, ex-alunos e o General Alcantara, director-demissionario, quando de sua posse no cargo de comandante do Colegio Militar.

As primeiras horas da tarde de 5 de Agosto passado, o Colegio Militar viveu um dos seus dias dos mais inesqueciveis com a posse do integro marechal Esperidião Rosas no cargo de director-comandante da tradicional instituição da mocidade guerreira.

O velho edificio da Rua São Francisco Xavier, lá por onde seguem, mal saídos da infancia, os homens que amanhã serão o orgulho do Brasil, raras vezes sentiu fremir de mais sadio entusiasmo e patriotismo de maior regosiço, porque, na verdade, a posse do Marechal Esperidião Rosas não foi apenas a homenagem dos seus discipulos, a sua recepção aos atuais alunos, mas a alegria toda natural e espontanea de uma multidão de moços, ávidos de aplaudir, demonstrar o seu contentamento áquele que é o padrão da Justiça e do Patriotismo, do Saber e da Moral.

O Colegio Militar é a nossa organização exemplar. Dele têm saído para a vida pública e das armas, nomes de maior projecção nacional: Oswaldo Aranha, Almirante Paim Pamplona, General Vossio Brigido, Dr. Laudelino Freire, Professor Decio Coutinho, Major Muller de Campos, Feneceu Bromilear da Cunha, Rocha Maia e outros.

A solenidade da posse do Marechal Esperidião Rosas iniciou-se ás doze horas no salão de honra do Colegio. O general Alcantara Junior, director demis-

sionario, passando o comando, fez um breve discurso. Antes ainda, á entrada do edificio, falara o juiz Odorico Antunes, ex-aluno do Colegio, que classificou o marechal de "pai da geração que aí está, geração que honra e dignifica".

Respondendo ao general demissionario, o marechal Esperidião Rosas disse que se sentia penhorado e feliz por todas essas recordações e homenagens, esses gestos da mocidade que vibra dentro da sinceridade e do civismo da disciplina inquebrantavel e patriótica.

Falou, a seguir, ainda, o professor João de Oliveira Sá, também ex-aluno, que lembrou a época do então capitão Esperidião Rosas, ajudante do Colegio, finalizando por erguer um viva ao Governo Federal pela escolha que fizera, entregando o Colegio Militar a esse homem que é o simbolo da frase com que crismou a escola o espirito formidavel de Thomaz Coelho.

O Dr. Emilio Cabral, terminando a série dos discursos, ergueu um viva ao chefe supremo das classes armadas, Dr. Getulio Vargas, que sancionou a nomeação do marechal Esperidião Rosas.

E em meio de maior ordem e entusiasmo, dos vivas da mocidade, o bravo marechal que já comandou o Colegio Militar de Barbacena, se empossou do comando do Colegio Militar de nossa cidade.

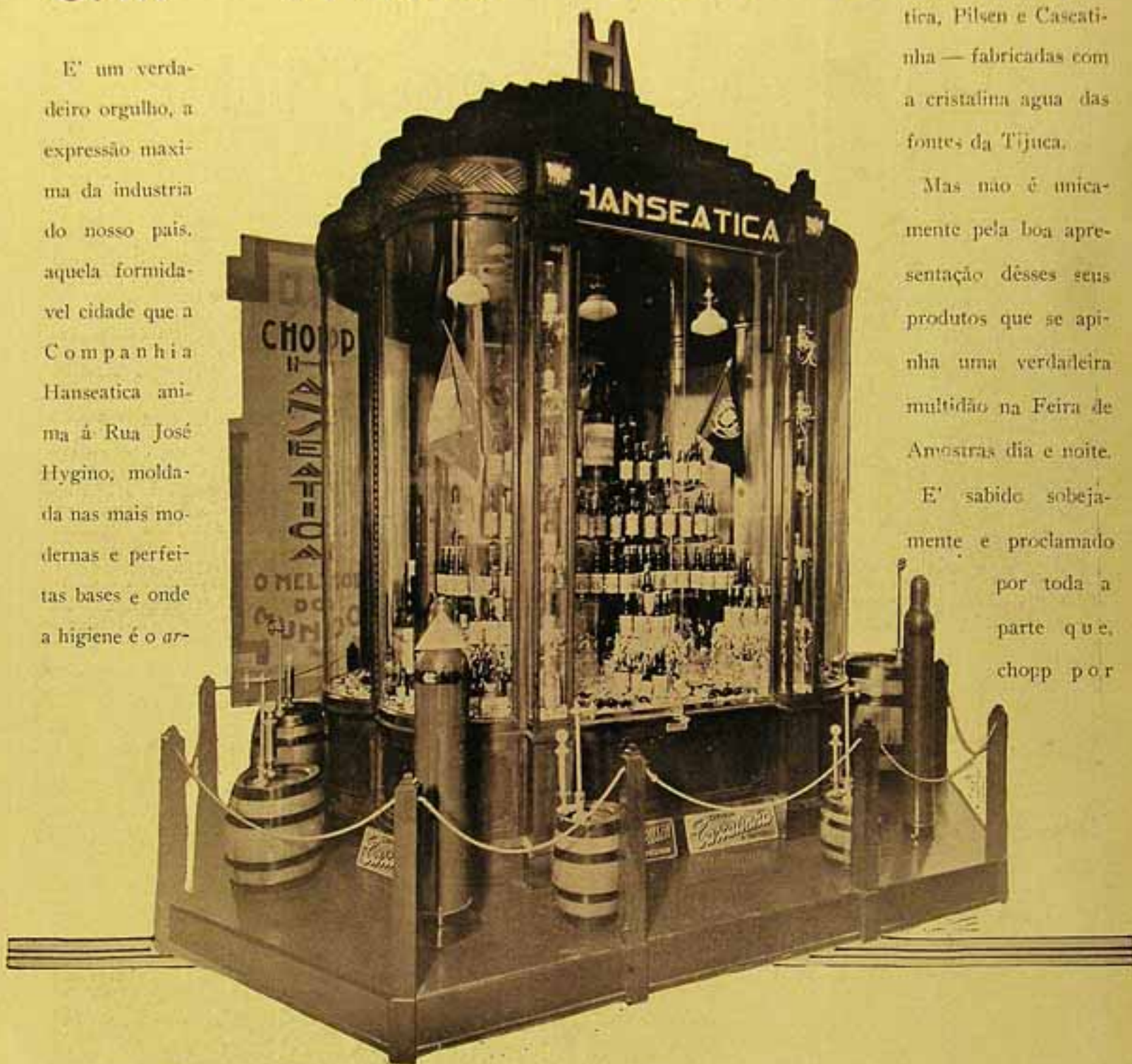
Figura de relevo inapagavel, nome que é um bronzê de pureza, o Marechal Esperidião Rosas traz uma vida nova e novas perspectivas ao Colegio Militar. Sob as suas vistas, tudo entrará em nova fase, descortinar-se-ão novos horizontes.



Alunos do Colegio Militar, formados, no dia da posse do Marechal Esperidião Rosas

Um “stand” sem similar

E' um verdadeiro orgulho, a expressão maxima da industria do nosso pais, aquela formidavel cidade que a Companhia Hanseatica anima á Rua José Hygino, moldada nas mais modernas e perfectas bases e onde a hygiene é o ar-



tica, Pilsen e Cascade — fabricadas com a cristalina agua das fontes da Tijuca.

Mas não é unicamente pela boa apresentação d'esses seus productos que se apinha uma verdadeira multidão na Feira de Amostras dia e noite.

E' sabido sobejamente e proclamado por toda a parte que, chopp por

tigo primeiro das suas poderosas instalações.

Na 4ª Feira Internacional de Amostras da cidade do Rio de Janeiro, presentemente visitada pela população em peso da cidade e caravanas de toda a parte, o “stand” da Companhia Hanseatica, elegante de linhas, é admirado minuciosamente, porque, na verdade, desde logo resalta á vista de todos a excellencia incontestavel de seus productos — as cervejas Hanse-

chopp, Guaraná por Guaraná, Agua-tonica por Agua-tonica, limonada por limonada, prefere-se e até se exige as que trazem a marca da Hanseatica em destaque, porque isso significa segurança completa, total, na delicia do refrigerante.

O “stand” da Hanseatica na Feira de Amostras difficilmente encontra similar em beleza.



Stand das águas S. LOURENÇO NA FEIRA DE AMOSTRAS

O MINISTRO DO TRABALHO NA EXPOSIÇÃO FORD

Aspeto da inauguração da maior sensação da semana: Exposição Ford, no Assyrio, baixos do Teatro Municipal, presente o Dr. Lindolfo Collor, Ministro do Trabalho, Edwin Morgan, Embaixador dos Estados Unidos, e outras pessoas de nossa alta sociedade e dos círculos políticos, industriais e jornalísticos. Nesta fotografia, o Sr. Harry Braunstein, Gerente da Ford no Brasil, cavalheiro dos mais simpáticos, mostra ao nosso ministro do Comércio o funcionamento do motor Ford.



Concurso de Contos do PARA TODOS...

O Concurso de Contos do "Para todos..."
será encerrado no dia 29 do corrente definiti-
vamente. Depois dessa data não mais rece-
beremos qualquer original.

GRANDE DEPOSITO DE HARMONICAS

S/A. M. DALLAPÉ & FILHO
Stradella - (Italia)



Harmonicas de luxo. Grande marca
universal. Ultra elegantes.

PECAM CATALOGOS AO CONCES-
SIONARIO EXCLUSIVO NO BRASIL

João Sartorello

LINHA
MOGYANA

(Est. de S. Paulo) SÃO JOÃO DA BOA VISTA

SOCIEDADE DE AMI- GOS DAS ARVORES

As nossas matas e florestas vão ter
os seus protetores. Os Amigos das Ar-
vores, reunidos numa sociedade, já
contam com as adesões dos senhores
dr. Leoncio Corrêa, ex-diretor geral
da instrução municipal; dr. Leopoldo
de Souza Leite, medico da Assistência
Municipal; dr. Augusto de Lima, ex-
deputado mineiro, autor do projeto do
Codigo Florestal; dr. Hildefonso Simões
Lopes, ex-ministro da Agricultura e
deputado pelo Rio Grande do Sul, di-
retor do Banco do Brasil; dr. Julio de
Azorem Puntado, alto funcionario mu-
nicipal, medico e jornalista; dr. Raul
Pedernheiras, professor de direito e
jornalista; dr. Edgard Roquete Pinto,
da Academia Brasileira, diretor do
Museu Nacional; dr. Francisco de
Assis Iglesias, diretor do Horto Flo-
restal; dr. Luiz Simões Lopes, funda-
dor da "Revista Florestal", official
de gabinete da presidencia da Repu-
blica; professor Durval Ribeiro de Pi-
nho, inspetor escolar; dr. Pedro Vian-
na da Silva, diretor de Arborização e
Jardins; professor J. Carlos de Albu-
querque Gondim, da Escola Wenceslau
Braz; professor Benevenuto Berna, es-
cutor, presidente do Centro Carioca;
dr. Adolfo Castro Barreto, medico es-
colar; Fortunato Campos de Medei-
ros, secretario da Diretoria de Instru-
ção Municipal e jornalista; dr. Plínio

SEIOS

DESENVOLVIDOS, FORTIFICA-
DOS e AFORMOSEADOS com
A PASTA RUSSA, do DOUTOR
G. RICABAL. O unico REME-
DIO que em menos de dola mezes
assegura o DESENVOLVIMENTO
e a FIRMEZA dos SEIOS sem
causar damno algum á saude da
MULHER. "Vide os attestados e
prospectos que acompanham cada
Caixa".

Encontra-se á venda nas principais
PHARMACIAS, DROGARIAS e
PERFUMARIAS DO BRASIL.

AVISO — Preço de uma
Caixa 12\$000; pelo Correio, regis-
trado réis 15\$000. Envia-se para
qualquer parte do Brasil, median-
te a remessa da importância em
carta com o VALOR DECLARA-
DO ao Agente Geral J. DE CAR-
VALHO — Caixa Postal n. 1.724
— Rio de Janeiro.

Maciel Monteiro, médico; dr. José da
Costa Senna, inspetor escolar; dr. José
Vitor da Rocha Miranda, engenheiro
civil; Solitador Christovão Guerra;
dr. J. Geraldo Kuhlmann, tecnico do
Horto Florestal; dr. Oscar de Aguiar

MANITOL

LAXATIVO IDEAL
PARA CRIANÇAS.

Moreira, inspetor escolar; professor
Lourival Ribeiro de Oliveira, jornalista;
Alvaro Euclides da Costa Lima,
da Diretoria de Obras da Prefeitura;
Noel Bergamini, official de gabinete
do interventor do Distrito Federal;
dr. Luiz José Pereira Simões Filho,
secretario da Diretoria de Arborização
e Jardins; dr. Domingos Magarinos de
Souza Leão, inspetor escolar; dr. Ho-
racio José de Campos, procurador do
Estado do Rio de Janeiro; coronel
Julio Gaertner, presidente do Centro
Paranaense; professor José Vencran-
do da Graça, inspetor escolar; profes-
sor Lupercio Hoppe, da Escola Nor-
mal; dr. José Chermont de Brito, in-
spetor escolar; maestro Olegario Tava-
res, compositor e professor de musica;
Clodoaldo Pereira da Silva Moraes,
da inspetoria Agricola e Florestal;
dr. Hermeto Lima, jornalista; profes-
sor Tasso Peres, dr. Carlos de Cam-
pos, alto funcionario da Prefeitura.

Moda e Bordado

NÚMERO DE AGOSTO A VENDA

PARA TODOS...

LIVRARIA PIMENTA DE MELLO

TRAVESSA DO OUVIDOR, 34

(ANTIGA SACHET)

TELEPHONE 4-5325

RIO DE JANEIRO

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA BRASILEIRA

<i>Introdução á Sociologia Geral</i> , obra premiada com o 1º premio da Academia Brasileira, de Pontes de Miranda (Dr.) Broch.	16\$000
A mesma obra (Encadernada)	20\$000
<i>Tratado de Anatomia Pathologica</i> , de Raul Leitão da Cunha (Dr.) Prof. da cadeira na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Broch.	35\$000
A mesma obra (Encadernada)	40\$000
<i>Tratado de Ophthalmologia</i> , volume 1º, tomo 1º, pelo Prof. Abreu Fialho (Dr.) Broch. 25\$000 enc.	30\$000
<i>Tratado de Ophthalmologia</i> , volume 1º, tomo 2º, pelo Prof. Abreu Fialho (Dr.) Broch. 25\$000, enc.	30\$000
<i>Tratado de Therapeutica Clinica</i> , volume 1º por Vieira Romeiro (Dr.) Broch. 30\$000, enc.	35\$000
<i>Tratado de Therapeutica Clinica</i> . Por Vieira Romeiro (Dr.) 2º vol. Broch. 25\$000, enc.	30\$000
<i>Siderurgia</i> . F. Labouriau (Dr.) Broch. 20\$, enc.	25\$000
<i>Fontes e Evoluções do Direito Civil Brasileiro</i> P. de Miranda (Dr.) Broch. 25\$000, enc.	30\$000
<i>Amoroso Costa — Idéas Fundamentais da Mathematica</i> . Broch. 16\$000, enc.	20\$000
<i>Otto Rothe — Chimica Organica — 1º Vol.</i> tomo 1º, 20\$000, enc.	25\$000
<i>F. Moura Campos — Manual Pratico de Physiologia</i> , Broch. 20\$000, enc.	25\$000
<i>P. Miranda — Tratado dos Testamentos</i> , 1º Vol. Broch. 25\$000, enc. 30\$000, 2º Vol. Broch. 25\$000, enc.	30\$000
<i>C. Pinto — Parasitologia</i> , 1º Vol. Broch. 30\$000, enc. 35\$000, 2º Vol. Broch. 30\$000, enc.	35\$000

EDIÇÕES A VENDA

<i>Cruzada Sanitaria</i> , discursos de Amaury de Medeiros (Dr.) Broch.	5\$000
<i>Anel das Maravilhas</i> , contos para crianças, texto e figuras de João do Norte (da Academia Brasileira, Broch.	2\$000
<i>Cocaina</i> , novella de Alvaro Moreyra, Broch.	4\$000
<i>Perfume</i> , versos de Onestaldo de Pennafort. Broch.	5\$000
<i>Botões Dourados</i> , chronicas sobre a vida intima da Marinha Brasileira, de Gastão Penalva. Broch.	5\$000
<i>Leviama</i> , novella do escriptor portuguez Antonio Ferro, Broch.	5\$000
<i>Alma Barbara</i> , contos gaúchos de Alcides Maya, Broch.	5\$000
<i>Problemas de Geometria</i> , de Ferreira de Abreu, Broch.	3\$000
<i>Caderno de Construções Geometricas</i> , de Maria Lyra da Silva, Broch.	2\$500
<i>Chimica Geral</i> , Noções, obra indicada no Collegio Pedro II, de Padre Leonel da Franca S. J. 3ª edição (Cart.)	6\$000
<i>Um anno de cirurgia no sertão</i> , de Roberto Freire (Dr.) Broch.	18\$000
<i>Promptuario do imposto de consumo de 1925</i> , de Vicente Piragibe, Broch.	6\$000
<i>Lições Cívicas</i> , de Heitor Pereira, 2ª edição (Cart.)	5\$000
<i>Como escolher uma boa esposa</i> , de Renato Kehl (Dr.) Broch.	4\$000
<i>Humorismos innocentes</i> , de Areimor, Broch.	5\$000
<i>Toda a America</i> , versos de Ronald de Carvalho, Broch.	8\$000
<i>Indices dos impostos para 1926</i> , de Vicente Piragibe, Broch.	10\$000

<i>Questões praticas de Arithmetica</i> , obra adoptada no Collegio Pedro II, de Cecil Thiré, Broch.	10\$000
<i>Formulario de Therapeutica Infantil</i> , por A. Santos Moreira (Dr.), 4ª edição augmentada, enc.	20\$000
<i>Chorographia do Brasil</i> para o curso primario, pelo Prof. Clodomiro Vasconcellos (Dr.) (Cart.)	10\$000
<i>Theatro do "O Tico-Tico"</i> — cançonetas, farças, monologos, duettos, etc., para creanças, por Eustorgio Wanderley	6\$000
<i>O orçamento</i> — por Agenor de Roure, Broch.	18\$000
<i>Os Feriados Brasileiros</i> , de Reis Carvalho, Broch.	18\$000
<i>Desdobramento</i> — Chronicas de Maria Eugenia Celso, Broch.	5\$000
<i>Circo</i> , de Alvaro Moreyra, Broch.	6\$000
<i>Canto da Minha Terra</i> , 2ª edição. O. Marianno	10\$000
<i>Almas que soffrem</i> . E. Bastos, Broch.	6\$000
<i>A Boneca vestida de arlequin</i> . A. Moreyra, Broch.	6\$000
<i>Cartilha</i> . Prof. Clodomiro Vasconcellos	1\$500
<i>Problemas de Direito Penal</i> . Evaristo de Moraes, Broch. 16\$000, enc.	20\$000
<i>Problemas e Formulario de Geometria</i> . Prof. Cecil Thiré & Mello e Souza	6\$000
<i>Grammatica latina</i> , de Padre Augusto Magne S. J., 2ª edição, Broch. 16\$000, enc.	20\$000
<i>Primeiras noções de latin</i> , de Padre Augusto Magne S. J. (Cart.) no prelo	
<i>Historia da Philosophia</i> , de Padre Leonel da Franca S. J., 3ª edição, enc.	12\$000
<i>Curso de lingua grega</i> , Morphologia, de Padre Augusto Magne S. J. (Cart.)	10\$000
<i>Grammatica da lingua hespanhola</i> , obra adoptada no Collegio Pedro II, de Antenor Nascente, professor da cadeira do mesmo collegio, 2ª edição, Broch.	7\$000
<i>Candido Borges Castello Branco (Cel.)</i> , <i>Vocabulario Militar</i> (Cart.)	2\$000
<i>Chimica elemental</i> , problemas praticos e noções geraes, pelo professor C. A. Barbosa de Oliveira, Vol. 1º (Cart.)	4\$000
<i>Problemas praticos de Physica elemental</i> , pelo Prof. Heitor Lyra da Silva, caderno 2º. Broch.	2\$500
<i>Problemas praticos de physica elemental</i> , pelo Prof. Heitor Lyra da Silva, caderno 3º. Broch.	2\$500
<i>Primeiros passos na Algebra</i> , pelo Professor Othello de Souza Reis (Cart.)	3\$000
<i>Geometria</i> , observações e experiencias, livro pratico, pelo Prof. Heitor Lyra da Silva (Cart.)	5\$000
<i>Accidentes no trabalho</i> , pelo Dr. Andrade Bézerra. Brochura	1\$500
<i>Esperança</i> — Poema didactico da Geographia e Historia do Brasil pelo Prof. Lindolpho Xavier (Dr.) Broch.	8\$000
<i>Propedeutica obstetrica</i> , por Arnaldo de Moraes (Dr.), 3ª edição, Broch. 25\$000, enc.	30\$000
<i>Exercícios de Algebra</i> , pelo Prof. Cecil Thiré Broch.	6\$000
<i>Miranda Valverde — Evoluções da Escripção Mercantil</i>	15\$000
<i>Moraes — São Maternidade</i>	10\$000
<i>Celso Vieira — Anchieta</i>	16\$000
<i>Wanderley — Album Infantil</i>	6\$000
<i>Anesi — Physiologia Cellular</i>	8\$000
<i>Alvaro Moreyra — Adão e Eva</i>	8\$000
<i>A. Magne — Selecta Latina</i> , Broch. 12\$000, enc.	15\$000
<i>Renato Kehl — Livro do chefe de Família</i> , enc.	25\$000
<i>Heitor Pereira, Anthologia de Autores Brasileiros</i>	10\$000
<i>Problemas praticos de Physica elemental</i> , pelo Prof. Heitor Lyra da Silva, caderno 1º. Broch.	3\$000

MOBIS FINOS, TAPEÇARIAS E DECORAÇÕES EM GERAL



65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

